

O Portador da Luz Para os buscadores da Verdade

Lúci fer®

Temas atuais vistos à luz da Sabedoria Antiga ou Theo-Sophia – a fonte comum de todas as grandes religiões, filosofias e ciências do mundo

Theosophia:
núcleo de soluções
sustentáveis

A VIDA UNA

O que é um vírus?

O que é a doença?
Civilização doente

Agindo agora à luz
da Theosophia

Uma sociedade
global saudável

Altruísmo

Aprendendo com a pandemia

Inspiração para uma sociedade global saudável



Aprendendo com a pandemia

Inspiração para uma sociedade global saudável

Introdução

p. 2

Aprendendo com a pandemia Theosophia: núcleo de soluções sustentáveis

p. 3

Este primeiro artigo pretende ser a base para todos os artigos subsequentes, para que sejam claros os pontos de partida desde os quais se está a trabalhar. Que lhe queremos facultar? O conhecimento essencial, mas acima de tudo a Sabedoria que é necessária nesta situação. É de importância global ganhar uma maior perceção em relação às causas que estão dirigindo os processos nesta pandemia.

A VIDA UNA Ideias essenciais

p. 8

Um número de ideias essenciais emergem das três proposições fundamentais. Elas conduzirão a muito maior entendimento da pandemia. Todos os artigos neste número são baseados nestas três ideias essenciais.

O que é um vírus?

p. 11

Que tipo de ser é um vírus? Qual é o seu carácter e o seu papel na natureza? O que estamos a fazer quando manipulamos vírus nos laboratórios?

O que é a doença?

p. 14

Agora que obtivemos algum entendimento das ideias teosóficas essenciais e que sabemos o que é um vírus iremos discutir duas questões interessantes e importantes: o que é uma doença e porque é que surtos epidémicos ocorrem periodicamente?

Civilização doente

p. 20

Qual é a mentalidade na nossa sociedade que levou a esta crise? Isto pode conduzir-nos às lições que podemos aprender de modo a alcançar uma sociedade saudável e sustentável.

Agindo agora à luz da Theosophia

p. 28

O que deveremos fazer agora? A Theosophia é intemporal e por esta razão fornece uma filosofia prática da vida para o tempo presente, para as nossas ações do momento, no meio desta crise mental, social e física.

Uma sociedade global saudável Imune a todos os germes

p. 32

Uma perspetiva diferente em relação à humanidade conduz a uma mentalidade diferente. Uma mentalidade diferente conduz a uma sociedade diferente. Neste artigo é feito um esboço das alterações que irão ocorrer se vivermos nos nossos aspetos espirituais e agir em concordância com os mesmos.

Altruísmo

p. 40

Gottfried de Purucker mostra neste artigo quão normal, universal e essencial é o Altruísmo.

Gottfried de Purucker

Teosofia: princípios e prática

p. 42

Mais informações...

p. 44

Todos os artigos deste número, com a exceção do de G. de Purucker foram escritos pelos editores. São o fruto de colaboração próxima. Por essa razão não são mencionados os nomes dos autores.

Introdução

Desde 1979, a seção holandesa da Sociedade Teosófica Point Loma tem publicado a revista *Lúcifer*, o *Portador da Luz*. Neste periódico, tentamos discutir de uma perspectiva teosófica todo o tipo de assuntos religiosos, filosóficos, científicos, sociais e artísticos. Devido aos contactos internacionais entre diferentes grupos teosóficos de todas as partes do mundo, sentimo-nos compelidos a produzir também um *Lúcifer* inglês. O inglês é uma língua que muitas pessoas falam e na qual apareceu a maior parte da literatura teosófica. No entanto, nem todos sabem ler inglês. Ficámos, portanto, muito gratos quando um leitor espanhol do nosso *Lúcifer* inglês tomou então a iniciativa de traduzir a nossa revista inglesa para espanhol. É claro que estamos muito satisfeitos com isto, porque desta forma as ideias teosóficas também podem ser difundidas entre os falantes de espanhol.

Em 2016, com a ajuda de um teosofista português, já tínhamos montado um *Lúcifer* português, porque um dos membros da TSPL deu uma série de cinco palestras em Brasília. É claro que gostaríamos de ter produzido mais edições nesta língua, mas os nossos colaboradores teosóficos estavam demasiado ocupados com uma miríade de outras tarefas teosóficas. Eles são todos voluntários. Não temos funcionários pagos. E há tanto trabalho teosófico a ser feito, especialmente porque as nossas actividades internacionais continuam a crescer. Portanto, o número de edições de *Lúcifer* português ficou limitado a essa única edição. No entanto, um dos nossos amigos portugueses, entre os muitos outros trabalhos que já faz, encontrou tempo para traduzir este *Lúcifer* muito importante do inglês para o português.

É uma edição tópica que trata da pandemia. Se algo demonstra que as fronteiras do mundo caíram, é o facto de o coronavírus se estar a espalhar entre todas as camadas da população em todos os países deste globo. Como resultado, praticamente todas as pessoas enfrentam os mesmos problemas: medo de infecção com o coronavírus, medo de doença, desconforto devido aos lockdowns e quarentenas, recessão económica. Todos estes aspectos da crise são abordados nesta edição de *Lúcifer*, mas todos são tratados da perspectiva teosófica. As conclusões que podem ser tiradas são, portanto, de uma qualidade completamente diferente. Por conseguinte, atrevemo-nos a afirmar que a crise global oferece certamente também desafios e esperança de que, através de uma mudança de mentalidade, seremos capazes de redesenhar a nossa sociedade global.

Estamos muito felizes por podermos oferecer este *Lúcifer* também em português. Quanto mais pessoas estiverem imersas no pensamento teosófico, mais estes pensamentos se espalharão pelo mundo. Daí não só conseguiremos sair desta pandemia, mas a aplicação destes pensamentos garantirá também que não criaremos novas causas de catástrofes.

Envidaremos todos os esforços para que edições subsequentes de *Lúcifer* sejam publicados também em português. Se quiser ser informado sobre novas publicações portuguesas da Fundação I.S.I.S., pode informar-nos. Um breve e-mail serve. Pode também contactar-nos para informações sobre o curso *Pensar Diferente e Sabedoria de Vida*, que começámos recentemente a oferecer também em português. Agradecemos também os vossos comentários, perguntas e críticas. Ajudar-nos-ão a formular os pensamentos teosóficos de forma mais clara.



Nascer do Sol no Vietname.

Aprendendo com a pandemia

Theosophia: núcleo de soluções sustentáveis

Ideias-chave

» A Theosophia é a fonte original de todas as religiões, filosofias e ciências. Foi usada e testada ao longo das eras.

» As três proposições fundamentais de Theosophia, conforme expressas por H.P. Blavatsky em *A Doutrina Secreta* podem ser testadas ao examinar se se consegue encontrar todas as suas consequências no mundo e na nossa própria vida. Requer vontade para crescimento interior contínuo.

» As três proposições fundamentais podem ser organizadas em sete ideias básicas, as sete “Joias da Sabedoria”.

» Não há problema que não seja compreendido e resolvido de acordo com esta perspectiva.

Este primeiro artigo pretende ser a base para todos os artigos subsequentes, para que sejam claros os pontos de partida desde os quais estamos a trabalhar. Que lhe queremos facultar? O conhecimento essencial, mas acima de tudo a Sabedoria que é necessária nesta situação. É de importância global ganhar uma maior percepção em relação às causas que estão dirigindo os processos nesta pandemia.

Porquê a escolha deste tema?

Há uma grande necessidade de compreender a pandemia que está acontecendo agora mesmo. O que é esta epidemia, de onde vem, como funciona uma tal doença viral e o que podemos fazer para pará-la e impedir novos surtos no futuro?

A Sociedade Teosófica (STPL) gostaria de ser útil nesta edição da nossa revista, encontrando respostas para as questões. Ao mostrar que há uma visão universal pela qual se pode compreender a Vida: como a Vida opera, com todos os seus processos e leis. Esta pandemia afeta-nos a todos. Está-se movendo como uma onda em todo o mundo e nada pode pará-la. A palavra “pandemia” significa “respeitante a toda a população”. Contudo não é apenas uma onda física a percorrer o mundo; ao mesmo tempo, ou mesmo antecedendo, há também uma onda mental de medo, de incerteza sobre aquilo que nos aguarda. O primeiro artigo pretende ser uma

base para todos os artigos subsequentes, para que sejam claros os pontos de partida desde os quais se está a trabalhar. Que lhe queremos facultar? O conhecimento essencial, mas acima de tudo a Sabedoria que é necessária nesta situação. É de importância global ganhar uma maior percepção em relação às causas que estão dirigindo estes processos.

Os seguintes artigos salientam os vários aspetos do problema. O que estes artigos têm todos em comum é que eles analisam as questões importantes a partir da mesma Sabedoria e conhecimento Universais. Pretende-se demonstrar quão útil é esta Sabedoria Universal. Fazemos isto apresentando-a de uma maneira em que é possível seguir a lógica, a coerência e as conclusões das análises.

A natureza da Sabedoria Universal

O que é a Theosophia, a Sabedoria Universal? A palavra é uma combinação das palavras “Theos” e “Sophia”

e pode ser interpretada como “Sabedoria dos Deuses” ou também como “Sabedoria Divina”. Porém, também tem sido conhecida ao longo da história – e ainda o é – por muitos outros nomes. Esta Sabedoria Universal dos Deuses tem sido o alicerce de muitas religiões e sistemas religiosos, muito embora não se o consiga descortinar numa forma pura. Esta Sabedoria é muito difícil de manter pura, porque requer uma grande dose de disciplina de modo a evitar cair em interpretações pessoais que podem depois ser espalhadas como a “verdadeira Teosofia”. Ocasionalmente, tal circunstância leva a alguma forma de degeneração, como os credos e as fés.

Theosophia é uma Sabedoria que tem sido usada e testada ao longo das eras, e a sua exatidão provada. Tente tornar sua esta Sabedoria, de modo a que possa acompanhar as análises apresentadas nos artigos nesta revista, aplicando-as a si próprio. Use-a como um manual para a sua própria investigação.

Esta Sabedoria foi de novo apresentada ao Ocidente no início da Sociedade Teosófica em 1875. Uma parte substancial da mesma foi publicada em 1888, com a edição do livro *A Doutrina Secreta*, escrita por H.P. Blavatsky. O Proêmio de *A Doutrina Secreta* apresenta três proposições, três princípios universais, que são o alicerce da Theosophia como é hoje conhecida. Estas proposições muito valiosas provêm de grandes pensadores universais, de seres avançados, os seres mais nobres que se conhece. Estes fundamentais três princípios, proposições ou axiomas religioso-filosóficos, que H.P. Blavatsky apresentou em *A Doutrina Secreta*, são o alicerce sobre o qual a Theosophia constrói a sua doutrina moderna, uma síntese de religião, filosofia e ciência. Cada proposição, e portanto também as proposições de *A Doutrina Secreta*, poderiam ser aceites sem questionamento. Porém, isso seria apenas uma crença. Também se pode aceitar uma proposição confiando, quando conhecemos a fonte e temos experiências positivas com esta fonte. Neste caso é mais do que crença, mas ainda não é sabedoria auto-adquirida. Esta última apenas pode ser conseguida através de investigação independente.

O que é uma proposição?

Uma proposição é uma afirmação, um ponto de partida, uma declaração que serve como base para raciocínios posteriores. Na proposição efetiva, nenhuma evidência é dada ou apresentada. Pode ou não ser verdade: a evidência deve ser estabelecida por investigação das consequências. A veracidade ou não de uma proposição só pode ser aferida individualmente, pela investigação feita pelo próprio.

Isto requer disciplina. Há que estabelecer a evidência na base da nossa própria experiência de vida. Se não se fizer isto e simplesmente aceitar a proposição, então cai-se no domínio da crença.

É evidente que se pode e se deve, dar algum tempo a nós próprios para reunir evidências. Depois de Einstein ter publicado a sua teoria de relatividade (uma proposição) em 1916, levou quatro anos antes das primeiras evidências serem encontradas. Contudo provas para um cientista no mesmo campo não são ainda provas para o leigo, que não tem os seus meios ou conhecimentos. Mesmo quando a teoria é provada por cientistas, o leigo que está do lado de fora, apenas pode acreditar ou confiar nela. Por confiar, não se pretende dizer confiança cega, mas uma confiança *fundamentada* porque o cientista que estabelece a teoria retirou conclusões corretas da sua investigação anterior. Acreditar ou confiar não é um problema em si, se percebermos que nós próprios não temos ainda nenhuma prova.

Como trabalhar com uma proposição?

Este exame feito por nós próprios sobre a correção de uma proposição é um processo extremamente importante. É ao mesmo tempo um processo de crescimento desafiante. De acordo com a Theosophia, todas as possibilidades estão latentes em nós. O que temos de aprender é a desenvolver estas capacidades adormecidas.

Existem dois métodos para estabelecer hipóteses:

1. Desde os detalhes à hipótese geral

Estabelecemos hipóteses com base das nossas observações. Portanto, derivamos leis a partir dos dados.

2. Explicar os detalhes da proposição

Estabelecemos hipóteses com base na proposição. Então, vemos se podemos explicar as nossas observações e dados através destas hipóteses.

Se queremos testar se a proposição é ou não verdadeira, precisamos de investigar perspetivas testáveis e mais pequenas ou afirmações mais curtas, que irão providenciar peças de evidência a favor ou contra a proposição geral. Uma hipótese pressupõe uma atitude ativa. Testamos cada hipótese contra as nossas próprias experiências, os factos na natureza, a lógica, as nossas intuições, efetivamente contra a nossa completa consciência.

Podemos explicar isto com um exemplo. Afirma-se que a terra é um globo. A proposição então é: a terra é esférica. Para a maioria de nós hoje isto é uma verdade absoluta,

mas cinco séculos atrás seria uma proposição. Se somos dogmáticos imediatamente dizemos “sim” ou “não” a esta proposição. Contudo, também podemos investigá-la. Então construímos hipóteses para nós, procuramos explicações possíveis para as questões que fazemos a nós próprios. Como é que a terra é redonda, se não posso vê-la? Nós *racionalmente pensamos* que isto acontece porque a terra é muito grande, pelo que não notamos a sua esfericidade. Existem outras indicações a favor ou contra esta afirmação? Sim, quando vemos um barco no horizonte, não vemos a proa primeiro mas o mastro. Durante um eclipse lunar, uma sombra circular cai sobre a lua. Existem *evidências adicionais*: todos os outros corpos celestiais são também redondos. Finalmente, notaremos que quando estamos constantemente navegando ou voando para ocidente ou oriente, acabaremos no mesmo ponto. Provavelmente nunca fizemos uma tal viagem, mas possivelmente há pessoas que experienciaram isto. Podemos portanto incluir também as *experiências de outros* na nossa investigação. Se pensarmos mais além, encontraremos mais pistas. Desta maneira trabalhamos uma proposição por meio de hipóteses e descobrimos uma verdade por nós mesmos.

As verdadeiras provas explicam também as exceções

Contudo, isto não acaba aqui. Até agora, ainda não provámos a proposição. Temos que continuar a investigar se a nossa evidência pode ser corroborada. Se as nossas observações não coincidirem com a proposição, temos de reexaminá-las para ver porque isso acontece.

Como disse o filósofo da ciência Karl Popper, uma boa proposição e as suas hipóteses resultantes apenas são válidas se cada exceção for explicada pela mesma proposição. O seu bem conhecido exemplo é: se conseguimos explicar a existência de cisnes brancos, também deveremos ser capazes de explicar a existência de cisnes negros com a mesma proposição. Só aí será válida (no entretanto). Tomemos por exemplo a teoria de que o universo está a se expandir: esta teoria não toma em conta todos os factos; aqueles factos que contradizem a teoria são deixados de fora.

Crescendo juntos em ver a verdade

Desta forma podemos encontrar a verdade e estabelecer uma base para nós próprios. Devemos ter em conta que estas são as nossas observações, as nossas provas e que a proposição tornou-se uma verdade apenas para nós: uma verdade que está sujeita a crescimento. Portanto, não podemos impô-la a outros. Contudo, podemos ajudar outros

na sua procura, com a atitude de “parece-me que”. Ao comparar as nossas percepções adquiridas com aquelas de outros investigadores que fizeram a mesma investigação, podemos fortalecer a base da verdade que estabelecemos. Se duas pessoas estão 50% certas em relação à mesma observação, então a certeza final é muito maior que 50%. Se colocarmos estas percepções conjuntas em relação com a proposição, então esta passou de uma abstração a algo mais concreto. Tornou-se uma sabedoria que contruímos ao partilhar as nossas percepções com outros. É contudo, uma sabedoria limitada. Como foi dito, está sujeita a crescimento. Devemos continuar a investigar e comparar.

Procura independente estimulada por instrutores

Isto ensina-nos que a sabedoria nunca pode ser obtida através de transmissão oral ou de outros meios de comunicação. Aquela apenas pode ser adquirida pela nossa própria investigação. Mas isto significa que não devemos ouvir os outros? Não, é evidente que faz sentido atender às percepções daqueles que são mais sábios. Porém, devemos sempre testar essas percepções, do modo antes descrito. Então, elas tornam-se uma parte de nós. É claro que podíamos descobrir tudo sem um instrutor, mesmo os detalhes, desde que tenhamos suficiente tempo e perseverança. E temos esse tempo. Em essência somos eternos e segundo a Theosophia, carregamos todas as faculdades latentes dentro de nós. Porém, levaria muitas vidas até sermos capazes de formular as mesmas proposições universais.

O que significa isso? Pensemos no seguinte exemplo. Se ficarmos sozinhos numa ilha, podemos descobrir e aprender todas as regras da aritmética – assumindo que elas não nos tivessem sido ensinadas antes. Contudo, o processo é mais rápido se tivermos um instrutor bom e confiável que estimule a nossa compreensão interior da aritmética permitindo-nos experienciá-la e compreendê-la, para que ela se torne a nossa própria sabedoria. Os bons instrutores são úteis: poupam-nos de muitas dificuldades durante o período em que ainda não desenvolvemos esta sabedoria e conhecimento, desde que estejamos dispostos a seguir *ativamente* as suas instruções.

Com esta atitude, olhemos para as proposições de *A Doutrina Secreta*. Existem três, que devem ser aplicadas de modo muito interrelacionado. Estas três proposições, também chamadas as três premissas básicas, são as seguintes:

A primeira proposição fundamental

Um PRINCÍPIO onnipresente, eterno, ilimitado e imutável,

sobre o qual toda a especulação é impossível, porque transcende o poder da conceção humana e porque toda a expressão ou comparação da mente humana não poderia senão diminuí-lo (...) Uma Realidade Absoluta, anterior a tudo o que é manifestado ou condicionado.

Em resumo, o primeiro princípio implica:

- infinitude ou ilimitação;
- a unidade fundamental de toda a existência;
- tudo o que existe é uma reflexão dessa Realidade absoluta.

Isto não significa que fica fora dessa Realidade, mas que reflete essa Realidade em si própria e tenta expressá-la. Isto significa que tudo é baseado no mesmo princípio imutável. Tudo é em princípio, em essência o mesmo, e portanto há uma igualdade fundamental, um princípio singular a partir do qual tudo se origina e a que tudo volta. Tudo o que existe tem as mesmas possibilidades, nada é mais ou menos do que o outro.

A segunda proposição fundamental

A Eternidade do Universo *in toto*, como plano sem limites; periodicamente “cenário de Universos inumeráveis, manifestando-se e desaparecendo constantemente”, chamados “as Estrelas que se manifestam” e as “Centelhas da Eternidade”.

A segunda proposição em forma resumida:

- movimento cíclico: o surgimento periódico e desaparecimento de Universos;
- tudo, portanto cada “Centelha da Eternidade”, passa por um desenvolvimento ascendente e espiralado sem fim.

A terceira proposição fundamental

A identidade fundamental de todas as Almas com a Alma Suprema Universal, sendo esta última um aspeto da Raiz Desconhecida; e a peregrinação obrigatória para todas as Almas, centelhas daquela Alma Suprema, através do Ciclo da Encarnação, ou de Necessidade, durante todo esse período.

A terceira proposição em forma resumida:

- a igualdade fundamental de cada ser com a infinitude;
- há uma lei cíclica e kármica;
- em cima, como em baixo.

“O que está em cima é como o que está em baixo; o que

está em baixo é como o que está em cima”, assim é o grande axioma Hermético. Os processos são basicamente os mesmos em todos os planos. Apesar de os processos subjacentes seguirem sempre os mesmos princípios, nos diferentes níveis, são executados individualmente, em concordância com o grau de livre arbítrio e desenvolvimento de todos esses indivíduos. As Centelhas de Eternidade mencionadas no segundo princípio, com as suas qualidades infinitas, também são chamadas de *mónadas*. Juntas, estas *mónadas*, em cooperação mútua, passam por uma “jornada” cíclica, ascendente e literalmente infinita de forma a aprender a expressarem as suas capacidades latentes. É um processo infinito de aprendizagem e de existência, nos vários planos cósmicos, de acordo com Leis Universais.

Os insights básicos da Theosophia

É importante trabalhar estas ideias mais um pouco, de modo a fornecer uma base para compreender os artigos seguintes nesta edição da *Lucifer*, de modo a que possam também ser explorados na vida de cada um. Estas referências adicionais são necessárias de modo a responder às muitas questões à volta das causas e consequências da pandemia. É necessário de modo a perceber que sabedoria de vida podemos derivar a partir das três proposições fundamentais. Este conhecimento é universal. Aplica-se a cada situação, a cada etapa de desenvolvimento, dentro do todo do qual somos parte.

Porém, não é possível sumarizar em poucas páginas um estudo completo de *A Doutrina Secreta*, da Theosophia, conforme ressurgiu desde 1875, graças a H.P. Blavatsky. O que podemos fazer, contudo, é olhar para algumas das palavras-chave das três proposições fundamentais e retirar conclusões a partir delas. Uma apresentação mais completa pode ser encontrada nos muitos livros e artigos teosóficos, alguns dos quais estão disponíveis na nossa página de internet.

O caminho mais curto para construir para nós próprios uma imagem concisa de Theosophia conforme explicada em *A Doutrina Secreta* é seguindo com o nosso pensamento abstrato a jornada interior que cada ser, cada “Centelha de Eternidade” faz: um caminho de revelação, no qual o ser aprende a expressar o que está latente dentro dele. Durante esta “jornada”, uma tal Centelha de Eternidade, uma tal *mónada*, desabrocha as suas faculdades desde a não autoconsciência até à cada vez mais completa autoconsciência. Este desabrochar leva uma quantidade de tempo infinita e ilimitada.

Portanto o caminho mais curto é: tentar agarrar os con-

ceitos centrais teosóficos, de modo a que não seja necessário mergulhar nas muitas degenerações que a Theosophia sofreu nas diferentes culturas.

As sete Joias da Sabedoria

Se combinarmos as palavras-chave das três proposições ficamos com sete conceitos chave, que chamamos de sete Joias de Sabedoria. Estes conceitos chave podem ser encontrados ao longo de toda a literatura teosófica. Ficamos a conhecê-los e usamo-los mais facilmente ao utilizar todas as sete combinações entre cada um.

Como vemos nas três proposições fundamentais (ver acima e na p. 42), a cooperação das mónadas, as “Centelhas de Eternidade” é cíclica, kármica e universal. Isto significa que os mesmos processos básicos estão a ocorrer em todas as esferas ou regiões. O desenvolvimento da mónada, a expressão das suas capacidades latentes, sempre e em toda a parte acontece na base das seguintes sete Joias de Sabedoria: (ver também página 43)

1. Reincorporação (reencarnação): ciclicidade, a joia gémea do karma.
2. Karma (causa e efeito), a joia gémea da reincorporação.
3. Hierarquias (da consciência, vida dentro da vida).
4. Tornar-se em si próprio (tornamo-nos sempre em nós próprios: aquilo que construímos em ciclos anteriores).
5. Evolução progressiva (progresso contínuo): não se pode perder aquilo que aprendemos (ou seja, tornar-se);
6. Os dois Caminhos (qual é a nossa motivação: para o todo ou para nós próprios?).
7. Conhecimento do Eu [Self] (a essência do UNO, VIDA abrangente).

A interação entre as mónadas (as Centelhas da Eternidade) é cíclica (1.^a joia) e kármica (2.^a joia), cada ação produzindo uma reação similar do Cosmos. A cooperação tem lugar hierarquicamente: as mónadas proporcionalmente mais desenvolvidas inspiram e trabalham conjuntamente com as mónadas menos desenvolvidas (3.^a joia). Nesta colaboração dinâmica cada mónada expressa sempre aquilo que aprendeu a expressar, aquilo em que se tornou em ciclos anteriores (4.^a joia). Ela trabalha sobre isso, desenvolvendo capacidades mais nobres. Portanto, ela é estimulada pelas influências da mónada mais elevada na hierarquia do qual faz parte. As influências dessa mónada mais elevada estimulam as qualidades superiores que ela transporta adormecidas dentro dela. Elas estimulam-na a desenvolver estas qualidades e a aprender a expressá-las (5.^a joia). O resultado final desta colaboração é determi-

nada pela motivação pela qual este processo tem lugar (6.^a joia). Apenas a partir de uma motivação compassiva é possível conhecer o Coração da Vida Universal (7.^a joia). O processo de desenrolar universal tem lugar no ritmo dos ciclos supramencionados, nos quais estas sete leis desempenham um papel contínuo. Isso produz uma manifestação extremamente dinâmica. O desafio é treinarmo-nos sempre para usar estas percepções teosóficas básicas para analisar cada problema. Desta forma aprendemos a compreender a sua causa. Assim podemos removê-la. Não há problema que não possa ser compreendido e resolvido de acordo com esta perspetiva.



Nascer do sol na Geórgia.

A VIDA UNA

Ideias essenciais

Ideias-chave

» Tudo está vivo. A vida é essencialmente ilimitada. A vida é agir e reagir. Existem sempre diferenças nos níveis de desenvolvimento entre seres.

» Todos os seres são Um e portanto estão inextricavelmente relacionados entre si. São parte de uma hierarquia da vida. Cada hierarquia é parte de uma hierarquia maior. As mesmas leis aplicam-se em todo o lado.

» Num processo cíclico e na base da causa e efeito, os seres ganham experiência juntos e crescem em consciência.

Nesta altura, quando as pessoas identificam-se sobretudo com o mundo exterior, elas tendem a procurar a causa da pandemia do coronavírus nas coisas materiais, como os vírus. Evidentemente, o coronavírus desempenha um papel em todo o processo, mas se pensarmos nas três proposições fundamentais mencionadas no artigo anterior, chegamos a percepções essencialmente diferentes e retiramos diferentes conclusões. Um número de ideias essenciais emerge desses princípios. Elas conduzirão a uma muito maior compreensão da pandemia. Todos os artigos neste número são baseados nestas ideias essenciais.

Tudo está vivo

A ideia essencial mais importante é que tudo quanto existe está vivo. Não há matéria morta. Aquilo que vemos e aquilo que não vemos são seres vivos. A opinião comum é que apenas os humanos, os animais e as plantas estão vivos, mas nós dizemos que os minerais, as células, as bactérias, os vírus, as moléculas, os átomos, as partículas atômicas, os planetas, os sóis e os universos são também seres vivos.

Vida ou consciência – agindo e reagindo

O que exatamente queremos dizer quando afirmamos que tudo está vivo? O que é vida? Não deixa de ser curioso que na ciência de hoje em dia não haja uma definição de vida universalmente aceite. Existe um número de critérios que devem ser cumpridos por forma a ser considerado que algo vive, como por exemplo a reprodução

e a existência de metabolismo, mas estes são requisitos algo arbitrários que nem todos os seres vivos cumprem. Uma mula, por exemplo, é considerada como um ser vivo mas não se pode reproduzir.

A definição que usamos em Teosofia é a de que cada ser *pode mover-se, pode agir e reagir, ao que outros seres podem reagir*. Portanto cada ser existe sempre em relação a outros seres. Age a partir de si, reage aos outros e é o objeto de ações de outros.

Na nossa opinião, todos os fenómenos – todas as manifestações – estão de acordo com isto: átomos, vírus, células, bactérias, minerais, plantas, animais, humanos, planetas, estrelas e pensamentos. Qualquer pessoa pode verificar isto. Pensemos numa manifestação, num fenómeno natural, e examinemos se pode agir e reagir e se pode ser o objeto de ações de outros. Se de facto, tudo está de acordo com

isto, não é lógico assumir que tudo está vivo? Esse movimento dos seres, essa ação e reação, tem lugar através de uma força interna dentro do próprio ser. Há um certo impulso interior que causa que um ser realize uma ação. Esse impulso vem da consciência desse ser. Não se pense na palavra “consciência” como autoconsciência, como a nossa consciência humana. Empregamos a palavra consciência como sinónimo de ser. É a força interior que incita um ser, instintivamente ou autoconscientemente, a realizar ações.

A vida é essencialmente ilimitada

Outra ideia essencial é que todas essas consciências, desde o átomo à galáxia, são *essencialmente* o mesmo. Por outras palavras, o fundo mais profundo, o âmago do coração de cada ser é o mesmo. A mesma VIDA reside num animal, num vírus, num ser humano e num sol.

A lógica desse pensamento reside na assunção que o núcleo mais profundo de cada ser é ilimitado. O âmago do coração de cada ser é a ilimitação. É por isso que cada ser tem tudo dentro de si. É por isso que há uma unidade essencial.

Diferenças no desenvolvimento

Claro que existem diferenças entre os seres. De facto, existem sempre diferenças entre os seres. Porém, não são essenciais. Estas diferenças existem porque há diferença no desenvolvimento. Nem todos desenvolveram as mesmas capacidades e características.

Portanto, a única diferença entre seres é a dimensão do modo como expressaram a VIDA UNA. Cada ser fá-lo na sua maneira particular. Portanto, enquanto na essência todos os seres são iguais, eles diferem um do outro na sua forma exterior.

Porque todos os seres são essencialmente a mesma VIDA ilimitada, todos eles pertencem uns aos outros, pois são todos partes uns dos outros. Tal como os ramos e as folhas de uma árvore são partes de uma mesma árvore, assim também todos os seres são inseparáveis uns dos outros.

A vida funciona em conjunto hierarquicamente

A ligação entre os seres não é arbitrária mas é expressa numa estrutura hierárquica.

O que é uma hierarquia?

Uma hierarquia é uma unidade na qual as consciências mais desenvolvidas e as menos desenvolvidas trabalham em conjunto, de forma próxima. As consciências mais

desenvolvidas formulam certos padrões ou leis para os seres menos desenvolvidos. Estas leis podem ser chamadas de leis da natureza locais, derivadas das leis universais da natureza.

Estes seres menos desenvolvidos formam os veículos ou instrumentos para os seres mais desenvolvidos. Portanto, um humano trabalha de forma próxima com biliões de blocos construtores vivos que compõem o seu corpo, como as células e os átomos.

O topo de uma hierarquia não é um topo absoluto, porque existe ilimitação. Portanto há sempre mais alguma coisa. Cada hierarquia é um bloco construtor ou parte de uma hierarquia ainda maior, e assim até ao infinito.

Espectro de consciência e esfera de influência

Quanto mais desenvolvido um ser é, maior é o seu espectro de consciência. Isto significa que ele tem maior consciência das possibilidades infinitas e processos da Natureza. Tal como um adulto tem uma maior consciência do que uma criança do mundo no qual vive e dos processos que aí têm lugar, da mesma forma os seres diferem em termos do espectro de consciência. Os humanos têm um maior espectro de consciência do que os animais e as plantas, devido à capacidade de pensar, que não está ainda desenvolvida nos animais e nas plantas. Contudo, estes diferentes reinos da natureza não estão separados uns dos outros. Com efeito, acontece exatamente o contrário. Tal como as crianças vivem na “esfera de influência” dos seus pais ou dos professores, também as consciências menos desenvolvidas podem de facto viver apenas graças à atmosfera dos seres mais desenvolvidos. Portanto, temos constantemente esferas dentro de esferas. Essas consciências menos desenvolvidas podem de facto apenas viver graças à atmosfera desses seres mais desenvolvidos. As plantas por exemplo vivem dentro da esfera dos reinos animal e humano, e o reino animal vive dentro da esfera do reino humano. Portanto, pensemos numa hierarquia como uma unidade com uma parte superior, na qual seres de diferentes níveis de desenvolvimento vivem – os diferentes reinos da Natureza. Todos têm o ponto mais alto como a sua raiz, portanto à partida todos têm as mesmas possibilidades e capacidades como esse ponto mais alto. Nessa hierarquia, a vida “flui” desde os relativamente mais desenvolvidos “em direção” aos menos desenvolvidos e destes “para cima”. A vida é agir e reagir. Portanto, dentro da nossa hierarquia existem outras esferas que não o nosso mundo físico, que não podem ser medidas com instrumentos materiais. Há

um mundo emocional – às vezes chamado de mundo astral. Há um mundo de pensamento, um reino superior desse mundo astral. Há um mundo espiritual, uma parte ainda superior desse mundo astral. De facto, os humanos pertencem a esses mundos e não apenas ao mundo sensorial. Por exemplo, podemos perceber pensamentos que pertencem à esfera mental.

Porque as consciências menos desenvolvidas seguem os padrões das mais desenvolvidas, encontramos as mesmas leis ao longo dos Cosmos. Expressamos esta ideia com a frase: *em baixo, como em cima*. As leis da ciclicidade e da causa e efeito por exemplo – mais à frente falaremos nisto – podem ser encontradas em todo o lado.

Seguir essas leis não é um processo mecânico. Um ser é atraído a uma esfera com base numa característica correspondente, que ele próprio desenvolveu. Portanto, o livre arbítrio, desempenha sempre um papel neste processo.

Ciclicidade, causa e efeito e crescimento

De facto, todos os diferentes seres “viajam” através dessas diferentes esferas da hierarquia da qual elas são parte. Dependendo do nosso espectro de consciência podemos ou não perceber conscientemente essas esferas.

Quando uma pessoa está na esfera sensorial, dizemos que ela “vive”. Manifestou-se e está ativa. Quando está a dormir ou morta, ela retira-se para as esferas espirituais e descansa. Isto é verdade para todos os seres.

Portanto, existe uma constante alternância entre atividade e repouso. Num movimento cíclico vamos desde um período de atividade – vida – para o período de repouso – morte. Quando os humanos saem do repouso para a atividade, chamamos a isso de reencarnação.

Este movimento cíclico, como tudo o mais, tem lugar através da consciência. A consciência é, por assim dizer, o motor que controla e lidera o processo. Age, recebe uma reação e reage à reação.

O processo rítmico de ação e reação, de nascer, viver, morrer, descansar e nascer outra vez, tem lugar na base da lei de causa e efeito. Cada ser age e cria causas. Cada causa conduz a um efeito que em carácter corresponde à causa. O estado no qual nos encontramos pode então ser rastreado às causas que semeámos no passado. Não existem exceções a isto.

As causas são muitas vezes criadas coletivamente; portanto, as pessoas serão muitas vezes confrontadas com certas consequências coletivamente. O processo cíclico, e a lei de causa e efeito, leva a que cada ser constantemente adquira novas experiências e portanto cresça em consciência.

O desenvolvimento contínuo é portanto uma das leis da Natureza.

A Ética é um padrão básico da Natureza

Finalmente, uma última ideia central. Pelo facto de todos os seres serem essencialmente ilimitados e de se originarem todos do topo da hierarquia da qual são uma parte inseparável, nada está separado. A separação é algo que não existe.

Mal perdemos o sentido de ligação e assumimos a separação, surge a desarmonia. Então aparece a riqueza *versus* pobreza, conflitos, crises, guerras e doenças. A Natureza é o agregado incomensurável de todos os seres que interagem num entrelaçamento mútuo. Há uma harmonia dinâmica, onde em comunhão cada ser está constantemente mudando e crescendo. Ao isolarmo-nos do todo, a desarmonia surge. Não importa quão grande esta desarmonia possa ser, a harmonia será sempre restaurada. Contudo, se cooperarmos com a Natureza, a harmonia nunca teria de ser restaurada porque não existiria desarmonia.

A ética é baseada na ligação inseparável de todos os seres. A colaboração, o sacrifício e a compaixão são portanto os padrões habituais da Natureza (ver também o artigo *Altruísmo* neste número). Este é um pensamento muito inspirador: não temos que “fazer” a fraternidade universal, porque ela já existe. O que é necessário – muito necessário – é que reconheçamos essa percepção maravilhosa e em que a tornemos no ideal principal nas nossas vidas.



Nascer do sol na Etiópia.

O que é um vírus?

Ideias-chave

- » Os vírus são seres primitivos que não conseguem se reproduzir sozinhos, precisando de um hospedeiro de forma a fazê-lo.
- » Os vírus vivem à custa do seu hospedeiro, o que os torna em parasitas.
- » Os vírus sempre existiram e podem ser encontrados em todo o lado, mas desde que estejamos em harmonia, são praticamente inofensivos.
- » Os novos vírus, artificialmente criados em laboratórios através de manipulação genética, podem ser ainda mais contagiosos do que a sua forma original.

Que tipo de ser é um vírus? Quais são as suas características e o seu papel na natureza? O que fazemos quando criamos vírus nos laboratórios, através de manipulação genética?

O que é um vírus?

Todo o mundo está a ser atualmente afetado pelo coronavírus. Mas, o que é exatamente um vírus? Tendo em conta o impacto global que têm e o facto de que podem matar animais enormes como um elefante, os vírus são extremamente pequenos. Note-se que centenas de vírus cabem dentro de uma bactéria. De um ponto de vista científico, os vírus não são nada mais que um pacote de código genético, envolvido por uma casca de moléculas de proteínas. No caso do coronavírus, esta casca é acrescida por uma camada protetora de lipídio, um revestimento de gordura. É por isso que lavar as mãos com sabão é tão eficaz. O sabão quebra esta camada de gordura, desarmando o vírus. Os vírus não se podem reproduzir sozinhos, precisam de um hospedeiro para fazê-lo. Os vírus não dispõem do mecanismo que as células têm de forma a se multiplicarem. A sua solução para isto, é ao mesmo tempo a razão do problema que causam, pois uma vez que entram no hospedeiro, eles “sequestram” o mecanismo de reprodução das células. O vírus

toma controlo da célula e “ordena” que esta multiplique o seu próprio código genético viral. Isto continua até que um elevado número de novos vírus tenham sido produzidos ao ponto que a célula rebente e seja destruída. Os vírus são então libertados e espalhados pelo corpo.

Entidades vivas?

Os vírus são tão primitivos que não há consenso entre os cientistas se são seres vivos ou não. O facto dos vírus não se alimentarem, não crescerem e não se reproduzirem fora de um hospedeiro, faz com que os cientistas os considerem como entidades não-vivas.

Contudo, de acordo com a Teosofia, os vírus são efetivamente seres vivos. Como referido no artigo anterior, a Sabedoria Perene ensina que *tudo* está vivo, o que inclui os vírus. Por trás desse “pacote” de código genético, está presente a consciência de um ser primitivo, trabalhando através dele. As propriedades características da vida podem ser observadas também nos vírus, ou seja, ser capaz de agir e reagir, de mover-se (movimento próprio) e de

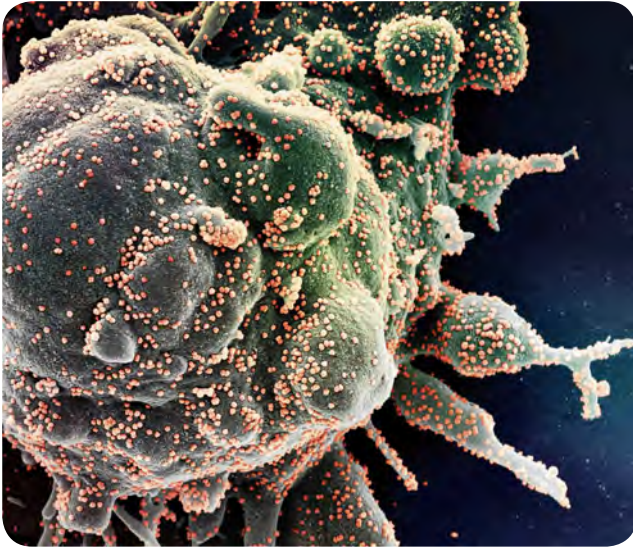


Imagem de um microscópio electrónico de uma célula (verde) infectada com SARS-CoV-2 (glóbulos rosados) isolada de um paciente com covid-19. Photo National Institute of Allergy and Infectious Diseases (Instituto Nacional de Alergia e Doenças Infecciosas), EUA.

reagir a influências externas. Uma vez que entrem no seu hospedeiro, os vírus tornam-se muito ativos e, em ordem para escapar ao mecanismo de defesa do hospedeiro, o vírus adapta-se constantemente através de mutações. Isto mostra uma certa inteligência num nível muito primitivo, o que faz com que alguns cientistas reconheçam o engenho e esperteza dos vírus em relação à sua capacidade de se adaptarem constantemente. Esta adaptação significa que os vírus evoluem, constantemente “revestindo-se” de diferentes capas para que o mecanismo de defesa do hospedeiro não os reconheça, fazendo com que a imunidade tenha de ser desenvolvida uma e outra vez.

Formas e tamanhos

Os vírus são mais conhecidos como patógenos, mas isso é apenas um dos lados da história, pois, além disso, os vírus desempenham um papel essencial na vida e no clima da terra. Além disso, eles são as entidades biológicas mais comuns no planeta. Para ilustrar a dimensão disto, numa única gota do oceano há uns poucos de milhões de vírus. Nessa vida marinha em particular, eles desempenham um papel fulcral na cadeia alimentar e no ciclo de carbono. Se nos restringirmos ao reino humano, vemos que além dos vírus que nos fazem adoecer, também existem vírus que eliminam outros patógenos, como as bactérias, e que nos tornam mais saudáveis. Transportamos vírus connosco, o tempo todo, mas desde que estejamos saudáveis e em harmonia, eles não se tornam prejudiciais e não nos fazem ficar doentes. No próximo artigo, iremos discutir

o que queremos exatamente dizer por harmonia e doença. Por exemplo, uma das diferenças entre o atual vírus do COVID-19 e o vírus do SARS-1, que surgiu em 2002, é que o primeiro é altamente contagioso. O SARS-1 não se torna contagioso até se alojar profundamente nos pulmões e o paciente demonstrar sintomas claros e começar a tossir. O vírus do COVID-19 aloja-se mais acima, na garganta e no nariz, onde está presente em abundância e é portanto contagioso antes que a pessoa infectada tenha sintomas.

De onde vêm os vírus?

Desde que surgiu a vida celular, os vírus sempre existiram. São encontrados em todos os reinos da natureza, desde as bactérias aos humanos. Todos os reinos têm os seus próprios vírus específicos que são geralmente inofensivos a espécies de outros reinos. Digo, “geralmente”, porque nas raras ocasiões em que um vírus é transmitido de um reino a outro, os problemas começam. Se examinarmos a origem dos vírus que nos fazem ficar doentes, podemos rastrear a sua origem ao reino animal. Todos os vírus que causaram uma pandemia são conhecidos por serem zoonóticos: uma doença infecciosa transmitida dos animais aos humanos. Por exemplo, o HIV originou-se nos macacos, o surto de MERS no Médio Oriente veio dos camelos e a maioria das outras variantes da gripe originaram-se de aves (selvagens). Sabe-se que o atual coronavírus teve a sua origem nos morcegos (os quais não ficam doentes). Portanto, os vírus sempre andaram por cá e podem ser encontrados em todo o lado. Como parte essencial dos ciclos de vida e do carbono e como agentes de limpeza, têm a sua função no todo. Quando a natureza está em harmonia, os vírus não causam quaisquer problemas, mas quando essa harmonia é perturbada, as coisas correm mal. Quando nós humanos perturbamos demasiado o ambiente, criamos uma situação que pode levar a uma crise como a atual. No próximo artigo iremos elaborar mais sobre as causas subjacentes. É evidente que uma situação desarmoniosa ocorreu no mercado de Wuhan, onde gado, aves e animais selvagens estavam densamente amontoados em jaulas, posicionadas umas em cima das outras e onde eram abatidos vivos, algo que aumentou grandemente as hipóteses de vírus dos animais serem transmitidos aos humanos. O mesmo pode ser dito sobre a bioindústria, onde altas concentrações de animais são possíveis através do uso extensivo de antibióticos.

Vírus manipulados

Contudo, há uma segunda causa para os vírus serem trans-

mitidos aos humanos. Nem todos os vírus originam-se naturalmente. Em laboratórios de todo o mundo, os cientistas criam vírus sinteticamente, através de manipulação genética. Os dois motivos para isto são opostos entre si: por um lado é para o benefício da humanidade; para conhecer melhor o comportamento dos vírus e como eles podem contribuir para novas vacinas. O outro motivo é a guerra biológica.

Bem-intencionadas ou não, em ambos os casos há um grande risco envolvido nestas experiências laboratoriais. Existe a hipótese que mais tarde ou mais cedo, um vírus manipulado acabe fora do laboratório, com todas as suas consequências.

Curiosamente, é em Wuhan que desde há alguns anos, que no Instituto de Virologia de Wuhan, os coronavírus de morcegos foram manipulados e foram tornados transmissíveis aos humanos!⁽¹⁾ Estes vírus manipulados são por vezes mais contagiosos do que os naturais. À data em que se escreveu este artigo, os investigadores ainda não tinham sido capazes de determinar a fonte exata do surto, enquanto no caso das epidemias anteriores de MERS e SARS-1 a fonte exata foi descoberta relativamente cedo. Não seria certamente a primeira vez que vírus escapavam do laboratório. De facto, várias situações dessas foram reportadas nas últimas décadas, com consequências limitadas a algumas mortes, devido a intervenção resoluta.⁽²⁾

Caraterísticas comuns

Como mencionado anteriormente, os vírus estão inextricavelmente ligados à vida na terra, na qual cumprem o seu papel. Somos nós humanos que rotulamos um vírus como “bom” ou “mau”, dependendo se ameaçam a nossa saúde ou não. E, vendo para além do nosso sofrimento pessoal, apesar de tudo os vírus “maus” também servem um propósito maior de que não estamos cientes a maior parte do tempo. Oferecem a oportunidade para a humanidade *como um todo* elevar o seu bem-estar a um nível superior, desde que aprendamos as nossas lições. Voltaremos a isto nos artigos seguintes.

Porém, para além dos rótulos de “bom” ou “mau” que associamos a um vírus, podemos dizer alguma coisa sobre as suas caraterísticas gerais. O que todos os vírus têm em comum, sem exceção, é que todos eles vivem à custa de outras vidas, por conta do hospedeiro que usam para se reproduzirem. Os vírus são por isso *parasitas*. Isto é algo a ter presente nos próximos artigos quando nos debruçarmos mais sobre as causas subjacentes da pandemia com que estamos a lidar agora.

Questões...

Até agora fornecemos uma introdução geral do que são os vírus, de onde vêm e que papel desempenham. Porém, apesar de todo o conhecimento científico de que dispomos, questões fundamentais permanecem por responder. Se olharmos à nossa volta, vemos numerosas exceções e padrões em relação aos quais não temos ainda uma resposta. Porque é que as pandemias ocorrem com uma certa frequência cíclica, muitas vezes em períodos de tensão mental devido à guerra, fome ou pobreza?

Uma vez surgida a epidemia, porque uma pessoa é suscetível e outra não? Como é possível que uma pessoa fique às portas da morte e outra, que também transporta o vírus, mal se dê por conta disso? Como é que durante a gripe espanhola de 1918 numa vila do Alasca, 76 dos 82 habitantes morreram, enquanto habitantes de uma vila próxima apenas evidenciaram sintomas ligeiros?⁽³⁾

No artigo seguinte, iremos discutir estas questões e ver que respostas podemos encontrar na sabedoria universal da Teosofia. Essas respostas não irão apenas revelar a causa das crises atuais, mas também providenciar uma solução sustentável e medidas preventivas contra isso. Que lições podemos aprender com esta pandemia? Qual é o nosso papel nisso? Para lhe dar apenas uma pista: não é o vírus que se espalha agora, somos nós humanos que o fazemos!

Referências

1. https://en.wikipedia.org/wiki/Wuhan_Institute_of_Virology
2. <https://thebulletin.org/2014/03/threatened-pandemics-and-laboratory-escapes-self-fulfilling-prophecies/#>
3. <https://www.bbc.com/future/article/20181023-the-placemat-escaped-the-spanish-flu>



Nascer do sol no Wisconsin, Estados Unidos da América.

Ideias-chave

» A saúde e a doença tem a sua origem na nossa forma de pensar. Uma doença é a desarmonia no nosso pensamento que se projeta na nossa natureza inferior.

» As doenças físicas são processos de recuperação. O corpo tenta se livrar de desarmonia adquirida. As doenças podem expor-se uma vez que estejamos a ponto de dar um novo passo no nosso desenvolvimento interior.

» O crescimento interior é perfeitamente possível sem doenças.

» O risco de uma epidemia ou de uma pandemia ocorre periodicamente, de acordo com os ciclos cósmicos. A sua ocorrência ou não depende da mentalidade humana.

» Ao viver na luz da unidade e da fraternidade universal, evitamos doenças futuras.

O que é a doença?

Agora que dispomos de alguma compreensão das ideias teosóficas básicas e também daquilo que é um vírus, iremos abordar duas importantes e interessantes questões: o que é uma doença e porque é que surtos epidêmicos muitas vezes ocorrem periodicamente?

A consciência humana é uma consciência pensante

Tudo está vivo, tudo é consciente. Pode ser autoconsciente ou instintivamente consciente, mas em todos os casos tudo está agindo e reagindo, assim portanto, está *consciente*. A consciência é a força motriz por trás de todos os eventos externos, conforme descrito anteriormente. A causa primária dos nossos períodos com saúde e com doença reside *na nossa consciência humana*.

Que tipo de consciência têm os humanos? Somos autoconscientes. Somos capazes de pensar, de perceber pensamentos, de construir uma imagem da realidade e de fazer escolhas conscientes, escolhas que estão em harmonia e desarmonia com o Todo de que somos parte. É por isso que a origem da nossa saúde e da nossa doença reside no nosso pensamento: no tipo de pensamentos que estamos a pensar no presente e que pensámos em anos e vidas anteriores.

A causa da nossa saúde e da nossa doença

Como pode isso ser explicado? Nós,

como consciência humana, somos a entidade liderante de todos os seres na hierarquia a que pertencemos. Podemos manifestar-nos cooperando com todos estes seres. Esta hierarquia consiste de uma grande diversidade de seres: de seres pensamento até aos nossos desejos e sentimentos, e aos seres que formam o nosso corpo: o órgão, a célula e o átomo. Todos estes seres estão em constante interação entre si. Cada um tem uma função para cumprir no todo.

Todos estes seres são menos desenvolvidos do que nós. Não podem pensar, não podem escolher uma direção nas suas vidas e portanto eles seguem os nossos impulsos. Cabe a nós guiá-los. Como é que isto funciona? A nossa mente cria uma esfera de influência ou campo de força com determinada característica, dentro do qual todos estes seres inferiores vivem as suas vidas. São completamente rodeados pela nossa influência. Se os nossos pensamentos forem equilibrados e construtivos, gentis e úteis, essa harmonia reflete-se na nossa natureza inferior. Às vezes, podemos experienciar isto de forma imediata, por

exemplo se esquecermos todas as preocupações sobre nós próprios durante algumas horas, porque estamos completamente dedicados a um objetivo que é valioso para outros. Talvez estejamos cansados quando começamos. Não obstante, muitas vezes descobrimos posteriormente que o nosso altruísmo colocou o nosso corpo em forma. O nosso corpo cooperou obedientemente. Contudo se, por exemplo, explodirmos com raiva ou formos levados por um desejo feroz, esta desarmonia explosiva no nosso pensamento irá agir como um choque no nosso corpo. As emoções desenfreadas são sempre desgastantes. Todos nós já reparámos em exemplos semelhantes.

Em resumo, cada um dos nossos pensamentos pode ser visto como uma semente que plantamos na nossa própria constituição. Se as circunstâncias forem as corretas uma tal semente transforma-se numa “planta medicinal” ou numa “erva daninha”, numa força construtiva ou destrutiva. Por vezes isto acontece muito rapidamente, como vimos nos exemplos acima mencionados, às vezes apenas depois de muitos anos ou vidas. Neste caso estamos a falar de efeitos retardados, que a determinada altura causámos a nós próprios. Esta é a causa subjacente dos nossos períodos de saúde e de doença. ⁽¹⁾

O que é a doença?

Vamos dar um passo adiante: o que é a doença? A doença é uma desarmonia no nosso pensamento que – depois de um período de amadurecimento – projeta-se na nossa natureza inferior, que no fim de contas segue sempre os nossos impulsos. O desequilíbrio primeira influencia a nossa natureza física e emocional, e subsequentemente a nossa natureza física. Manifesta-se como um problema psíquico ou físico, ou, no caso das doenças psicossomáticas, em ambos. Quando uma desarmonia se estabelece no nosso corpo físico, tornamo-nos fisicamente doentes. O que está então efetivamente a acontecer? É a tentativa do nosso corpo de se livrar dessa desarmonia por forma a restabelecer o equilíbrio e a vitalidade. É um *processo de recuperação*. Portanto, a perspectiva teosófica sobre a doença física é fundamentalmente diferente daquilo que a maior parte das pessoas pensa. Habitualmente, uma doença é vista comum um hóspede não convidado, um intruso perigoso, que precisa de ser combatido. Isto deve-se à ignorância da causa.

Uma doença infecciosa é também um processo de recuperação. Quando um vírus ou uma bactéria nos infecta e começa a se multiplicar no nosso corpo, o nosso sistema imunitário entra em ação. Às vezes ficamos com febre.

Durante o nosso período de doença todos os tipos de substâncias são expelidas do nosso corpo: substâncias que estão no nosso suor, restos de células mortas, etc. Ficar doente não é um castigo ou um azar, mas a tentativa dos nossos corpos de restabelecer a harmonia. (2) É por isso que um médico sensato não tenta suprimir a doença - permitindo que a tensão interna da desarmonia aumente ainda mais - mas facilita o fluxo de saída gradual da doença de forma tão harmoniosa quanto possível.

O crescimento anterior sem doenças é perfeitamente possível

Como é evidente, a situação ideal é *evitar* as doenças. Isto pode ser de facto concretizado. De facto, pode ser muito bem concretizado: tornando os nossos pensamentos equilibrados e espiritualmente inspirados. Assim não suscitamos causas para doenças. Criamos um *estado de harmonia dinâmica* na hierarquia viva que somos.

Ao expandir a nossa consciência humana, estimulamos os seres que formam a nossa natureza inferior a crescer em consonância. Alguns deles irão desenvolver-se connosco, enquanto outra parte deixa de ser atraída pelas características alteradas. Essa parte irá desaparecer e continuar a sua evolução noutro lado. Num organismo que está a crescer harmoniosamente, há um contínuo fluxo e entrada e de saída de seres, comparável a um país que cresce cultural e espiritualmente. Isto é também sempre acompanhado de emigração e imigração.

Podemos portanto atravessar todas as fases de crescimento humanas sem ficar doentes. Não obstante, as doenças vão ainda ocorrer frequentemente na nossa atual fase de desenvolvimento humano. Estamos ainda no processo de compreender a verdadeira natureza da vida. Ainda estamos aprendendo a controlar a nossa consciência, em vez de nos entregarmos às ondas de pensamentos e sentimentos. Se não tivéssemos doenças, a desarmonia nos nossos corpos continuaria a aumentar. Depois de um período mais curto ou mais longo, uma enorme tensão iria emergir de forma que o nosso corpo iria de repente colapsar completamente.

As doenças como um instrutor

As doenças são essencialmente o nosso instrutor, como são todos os acontecimentos na nossa vida. Uma doença não aparece aleatoriamente. Muitas vezes força-nos a dar um passo atrás na nossa vida. Estamos limitados naquilo que conseguimos fazer ou não fazer mais. Enquanto estamos doentes na cama, as doenças estimulam-nos a pensar mais profundamente, a nos tornarmos introspetivos.

Podemos perguntar-nos sobre o que na vida é duradouro e sobre aquilo que apenas vai e vem. Elas estimulam a nossa família e amigos a ajudar-nos. Podem existir mais momentos calmos para boas conversas.

Todas as doenças têm uma tal característica para estimular-nos a desenvolver essas capacidades às quais não prestamos atenção suficiente no passado. Para dar um exemplo: alguém que “fica entusiasmado” por estar continuamente ocupado, muitas vezes tem uma doença que requer uma larga quantidade de paciência. Nessa altura temos que recorrer ao aspeto negligenciado de nós próprios.

Também podemos aprender bastante com uma doença terminal: lições a levar connosco para as nossas próximas vidas. Isto é também verdade quando a morte ocorre rapidamente. Durante algumas horas depois da nossa morte olharemos retrospectivamente para toda a nossa vida com uma perspectiva perspicaz e veremos todas as causas subjacentes. Esta assim chamada “visão panorâmica” dá-nos a oportunidade de retirar conclusões muito valiosas.

É por isto que as doenças são nossas amigas, mesmo que envolvam sofrimento temporário. Ao mesmo tempo, nós – nós humanos, incluindo todos os médicos – temos a missão de levar a doença através de vias que sejam as menos dolorosas quanto possível. Temos o dever de reduzir o sofrimento dos nossos companheiros humanos, sempre que possível.

Porque é que uma pessoa fica doente e outra não?

Todos nós já observamos que dentro de um grupo umas pessoas apanham uma doença contagiosa e outras não. Contudo, o vírus ou bactéria sem dúvida passa por todos. “Um é suscetível, o outro não”, dizemos então. Mas, o que significa esta palavra “suscetibilidade”?

Se a consciência é a força subjacente por trás dos acontecimentos, deveremos estar a falar sobre a nossa suscetibilidade *mental*, o resultado dos nossos pensamentos anteriores. Nas palavras de G. de Purucker: “É impossível para qualquer ser humano contrair alguma doença a menos que a semente dessa doença já esteja latente nele”

⁽³⁾ Os patógenos não são atraídos por pessoas que têm uma característica diferente. Não conseguem desenvolver-se num ser humano assim, tal como um urso polar não pode desenvolver-se nos trópicos.

Que pensamentos causam doenças?

Que tendências mentais são a fonte principal de doença? São os desejos, paixões e sentimentos prolongados e

descontrolados. ⁽⁴⁾ Os medos, por exemplo, emergem da imaginação mal direcionada. A seguinte citação de H.P. Blavatsky dá-nos uma percepção mais profunda: “Metade, se não mesmo dois terços das nossas fraquezas e doenças são o fruto da nossa imaginação e receios. Destruam os últimos e deem outra direção à primeira, e a natureza fará o resto.” ⁽⁵⁾

Portanto, dar uma orientação sábia à nossa mente assegura um corpo saudável no longo prazo. Está tudo relacionado com higiene mental. A higiene física, o cuidado sensato com o nosso corpo, é uma consequência disto. Por exemplo, teremos que nos assegurar que não infetamos os outros. Aqueles que vivem com padrões estritos para a sua higiene física, sem praticar qualquer disciplina mental, ainda sofrerão doenças, pois o carácter dos seus pensamentos é o fator determinante.

Pode uma doença afetar alguém indevidamente?

É-nos frequentemente perguntado: porque é que as pessoas que vivem uma vida social equilibrada às vezes ficam também doentes? Nunca podemos culpar o “azar” ou o “destino”, porque não há azar nem destino em todo o Cosmos. Como escrevemos antes, as consequências podem sempre ser ligadas de volta às causas. Quais são, então, as causas possíveis?

A primeira razão pode ser o facto de não nos conhecermos completamente, até aos cantos mais sutis do nosso carácter. É ainda mais difícil conhecer os nossos companheiros humanos, em toda a sua complexidade.

Uma segunda possível razão pode estar no facto de termos plantado as sementes da presente doença nas nossas vidas anteriores. Portanto, havia ainda alguma desarmonia latente para ser trabalhada. Podemos, no entretanto, ter ultrapassado o traço de carácter que causou a doença. Porém, isso não nos liberta da obrigação de compensar por aquilo que perturbamos no passado. É nossa tarefa estimular os seres inferiores que no passado inibimos, no seu crescimento para um nível superior.

Há também uma terceira possível razão. Podemos identificar-nos com um certo grupo de pessoas, de uma tal maneira, que passamos pelos altos e baixos desta comunidade – ao menos, em certa medida. ⁽⁶⁾ O karma combinado do grupo inteiro não pode senão afetar todos os seus membros. O motivo para esta identificação pode variar, mas ser bastante altruísta. Um exemplo é o padre Damian, que no século XIX, por compaixão, foi viver uma colónia de leprosos para apoiar espiritual e fisicamente as pessoas

que lá estavam. Depois de lá trabalhar por muitos anos, ele próprio ficou doente e acabou finalmente morrendo também de lepra.

A causa pode, obviamente, ser também uma combinação destas três.

Como é que lidamos com doenças de forma sábia?

Aprendendo com elas. Aqueles que não aprendem com as suas doenças, não vão mudar os seus desejos e sentimentos e continuarão a suscitar doenças similares. Podemos fazer o nosso melhor para nos livrarmos de uma doença, mas de que serve se não combinarmos isso com o enfrentar da causa? ⁽⁷⁾

Naturalmente faz sentido envolver os médicos. Eles têm o conhecimento médico de que necessitamos para fazer escolhas conscientes. E quais são as escolhas sensatas? Isso não é sempre fácil de dizer. Mesmo que saibamos que afastar uma doença é de facto adiá-la, podemos contudo escolher fazê-lo, por exemplo quando temos uma tarefa importante para levar a cabo. Então, por exemplo, ingerimos um analgésico de modo a que sejamos capazes de funcionar otimamente por algumas horas. Além disso, temos que fazer muitas escolhas em relação ao nosso tratamento médico, por exemplo se escolhemos respiração artificial nos cuidados intensivos, e se o fazemos, por quanto tempo. E assim por diante. Este é um assunto relacionado com os objetivos e as percepções de cada um e à situação particular em que cada um está. Outra pessoa não pode determinar isso por nós.

Quando há um grande surto viral, muitas pessoas veem grande mérito em tentar produzir uma vacina rapidamente. A ideia é a de que se a vasta maioria das pessoas for injetada com uma tal vacina, o surto viral será suprimido. De forma a avaliar o que acontece nessa situação, temos de estudar as causas internas da doença.

Aqui há alguns pontos importantes a ponderar. A vacinação elimina o problema em nós. É como adiar o pagamento de uma dívida. É como deslocar o problema para o futuro e perder a oportunidade oferecida para saldar a dívida. Além disso, há consequências se colocarmos germes na corrente sanguínea de alguém, germes que de outro modo a pessoa nunca receberia. Isso também se aplica se os germes forem primeiramente enfraquecidos ou mortos, ou se apenas fragmentos deles forem injetados, como nos casos das vacinas. Apesar disso, eles ainda têm as características dos vírus, que, como referido em artigo anterior, são parasíticos. Uma consideração final é a de que

a produção de uma vacina é de facto uma manipulação da vida. Enfraquece-se uma bactéria ou vírus, testa-se a vacina em animais de laboratório, mas a questão é se realmente sabemos o que estamos a fazer com estas entidades.

O que é uma epidemia ou uma pandemia?

Uma epidemia é baseada nos mesmos princípios que a doença para o ser humano individual, mas numa escala maior. É a recuperação de uma certa desarmonia por muitas pessoas ao mesmo tempo. Numa pandemia isto acontece a uma escala mundial, com a doença a afetar toda a humanidade. Estes surtos de doença em larga escala podem obviamente apenas ocorrer se a causa interna para isso for comum a muitas pessoas. Por outras palavras, o padrão de pensamento que é a causa disso foi construído por um grande número de pessoas.

A influência de uma pandemia é muito mais ampla do que as pessoas que ficam doentes. Com efeito, todas as comunidades na terra são afetadas, porque também há um enorme impacto no sistema de saúde, no comércio, na produção, na administração, na educação e noutros sectores da nossa sociedade. Poder-se-ia dizer que toda a humanidade fica febril.

Uma pandemia é uma provação para todos. Cada ser humano, cada organização depara-se com uma escolha: seguimos a nossa natureza animal, que visa a sobrevivência, ou a nossa natureza humana, que a visa a vida em comunidade? Tal como a doença estimula-nos a adotar um modo de vida diferente, uma pandemia é um estímulo global para reformar o nosso modo de vida em conjunto. Os vírus apoiam essencialmente a cura das esferas mentais da terra.

A natureza periódica das epidemias

Muitas vezes, as epidemias ocorrem ciclicamente. Todos conhecemos o carácter sazonal da gripe: os picos mais altos sempre acontecem no inverno. Algumas doenças regressam num ciclo de cerca de 10-12 anos. H.P. Blavatsky menciona a doença da batata como um exemplo. ⁽⁸⁾ Isto pode estar relacionado com o ciclo das manchas solares, que duram 11-12 anos. Indubitavelmente outros ciclos são também importantes.

Em tais momentos periódicos, as condições são favoráveis para uma epidemia específica; mas isto não significa que uma epidemia ocorra sempre. Na Sabedoria Universal não há qualquer fatalismo. Não estamos a lidar com o destino caindo sobre nós vindo de fora. As circunstâncias nas quais uma doença contagiosa pode rebentar são cíclicas, mas

se essa doença rebenta ou não, e a forma como lidamos com ela, depende da mentalidade humana. No próximo artigo iremos discutir isto em maior detalhe.

Porque é que vemos as epidemias ocorrerem periodicamente?

Porque é que muitas epidemias são cíclicas? De facto deveríamos inverter esta questão: que processo na natureza não é cíclico? Realmente vemos todas as coisas no Cosmos indo e vindo, aparecendo e desaparecendo, de acordo com certos padrões. Nós próprios somos o exemplo vivo disso. O nosso sono e a nossa vigília, o nosso descanso espiritual a que chamamos “morte” e a nossa vida física ativa: a nossa consciência está alternadamente focada na vida interior e exterior. E isto aplica-se a todos os seres, qualquer que seja a sua natureza, e portanto, também a toda a humanidade.

Os ciclos que a humanidade atravessa durante o seu longo caminho de desenvolvimento não estão separados dos ciclos do Cosmos. Como é óbvio, pertencemos ao Cosmos, somos uma parte inseparável dele. Portanto faz sentido que vivamos as nossas vidas dentro e de acordo com o padrão das leis e ciclos cósmicos.

Por assim dizer, nós humanos somos células dentro da Terra viva, ela própria sendo uma célula dentro do grande organismo do Sistema Solar, que é por sua vez uma célula dentro de um ainda maior organismo universal. Vivemos dentro da esfera da consciência, dentro da aura destes seres cósmicos. É por isso que todos os ciclos de crescimento humanos são baseados nas fases de crescimento do nosso Sistema Solar.

Para tornar esta imagem mais concreta: os Planetas do nosso Sistema Solar, a nossa Lua, o nosso Sol e certos grupos de estrelas (especialmente os signos do zodíaco) têm uma grande influência no nosso Planeta. Essas influências têm características diferentes. Elas combinam numa influência conjunta que pode ser comparada com um acorde musical. Esse acorde musical muda ciclicamente. Às vezes uma característica é dominante, às vezes outra.⁽⁹⁾ Em que tempos cíclicos ocorrem as epidemias e pandemias? Os verdadeiros fatores causais residem, como mencionado anteriormente, na nossa consciência pensante. Esta é a semente. Porém, a semente apenas germina quando as circunstâncias são certas, como as sementes de flores que surgem na primavera. Essas circunstâncias são determinadas por fatores cósmicos. Apenas quando são favoráveis para a germinação das sementes da desarmonia, é que as epidemias vão aparecer.

É claro que este facto também se aplica a todos os desenvolvimentos positivos na sociedade. Podemos semear as sementes para isso em qualquer momento. Mais tarde ou mais cedo, no momento cíclico apropriado, elas germinarão como um movimento de reforma poderoso.

Porque é que existe uma pandemia AGORA?

Porque é que existe uma pandemia de COVID-19 agora e não há dois anos atrás? Isto está relacionado com as influências atuais das entidades cósmicas?

A natureza das influências cósmicas pode, num dado momento, ser lida a partir das posições dos Planetas, do Sol e do zodíaco, vistos a partir da Terra. As posições dos Planetas, do Sol e do zodíaco não causam estas influências, mas refletem as características dessas influências cósmicas. Da mesma forma, a leitura de um termómetro não causa a febre, mas apenas indica a nossa condição.

Há uma situação excecional em 2020? Sim, existe. Sem querer ter a última palavra – a verdadeira astrologia requer um entendimento profundo da Theosophia – podemos salientar alguns aspetos. Visto a partir da Terra, Plutão encontra-se atrás de Júpiter. De acordo com os astrólogos, esta posição estimula grandes perturbações inesperadas e processos de mudança. Esta influência continuará a operar durante vários meses. Ao mesmo tempo estamos num ponto mínimo do ciclo de manchas solares. E, de facto, os máximos e mínimos do ciclo de manchas solares são períodos férteis para epidemias.⁽¹⁰⁾ Além disso, a 21 de dezembro de 2020 Saturno estará por trás de Júpiter. As conjunções de Júpiter e de Saturno estão sempre associadas à destruição das velhas estruturas e ao nascimento de novas.⁽¹¹⁾ Portanto, durante o ano de 2020, muitas pessoas irão descobrir indicações de que a nossa sociedade necessita de reformas fundamentais.

Que papel a epidemia do coronavírus desempenha nisto? Nesta epidemia, muitas organizações e estruturas sociais estão a mostrar o que valem. Estão elas a nos ajudar em tempos difíceis? Ou são elas um grande obstáculo, um fator de debilitação? Lições valiosas! Como anteriormente mencionado, não há um destino fatalista. Pelo contrário, podemos descobrir as possibilidades positivas, mesmo das circunstâncias potencialmente mais difíceis. (12) Uma doença surge quando estamos preparados para dar um passo interior no nosso pensamento e na nossa vida. Cabe-nos agarrar essa oportunidade.

Referências

1. W.Q. Judge, “Replanting diseases for future us”. Artigos em *Echoes of the Orient*, Volume 1. Theosophical University Press, Pasadena 2011, pp. 294-297 (publicado originalmente em *The Path*, Volume 7, Outubro 1892, pp. 225-228); G. de Purucker, “Life-atoms and the cause and cure of disease”. *Esoteric Teachings*, Volume 8. I.S.I.S. Foundation, Haia 2015, pp. 69-97.
2. G. de Purucker, *Golden Precepts of Esotericism*. I.S.I.S. Foundation, p. 32, online: <https://isismail.wetransfer.com/downloads/66dbc98ea6da38ed77b1a4f8e496418c20190127163000/79944d>
3. Ver ref. 1, texto de G. de Purucker, p. 95.
4. Ver ref. 1, texto de G. de Purucker, pp. 73-74, 86.
5. H.P. Blavatsky, “Hypnotism, and its relations to other modes of fascination”. Artigo em: *Collected Writings*, Volume 12. The Theosophical Publishing House, Wheaton 1987, p. 403.
6. H.P. Blavatsky, *A Chave para a Teosofia*, Editora Teosófica, Brasília 1991, p.177. Seção 11, Sobre os Mistérios da Reencarnação, O que é o Karma? Questão: “Mas, com certeza, todos esses males que parecem cair sobre as massas de algum modo indiscriminadamente não são karma real, individual e merecido?”
7. H.P. Blavatsky, “Conversations on occultism.” Artigo em: *Collected Writings*, Volume 9. The Theosophical Publishing House, Wheaton 1986, pp. 102-103.
8. H.P. Blavatsky, “Stars and numbers”. Artigo em: *Collected Writings*, Volume 3. The Theosophical Publishing House, Wheaton 1982, pp. 193 e nota de rodapé.
9. G. de Purucker, *Encyclopedic Theosophical Glossary*, verbete “Epidemics”. Website: <https://www.theosociety.org/pasadena/etgloss/etg-hp.htm>
10. Ver ref. 7. Ver também: G. de Purucker, “Esoteric hints on cycles”. In: *Studies in Occult Philosophy*. Theosophical University Press, Pasadena 1973, pp. 10-12; N.C. Wickramasinghe, et al. (2017), “Sunspot Cycle Minima and Pandemics: The Case for Vigilance?” Artigo em: *Journal of Astrobiology and Outreach*, Volume 5, 2017, p. 159. Online: <https://doi.org/10.4172/2332-2519.1000159>
11. G. de Purucker, “Esoteric hints on cycles”. Em: *Studies in Occult Philosophy*. Theosophical University Press, Pasadena 1973, p. 14.
12. G. de Purucker, *The Esoteric Tradition*. Theosophical University Press, Pasadena 1973, capítulo 34, pp. 1021-1022, nota de rodapé 439.



Nascer do sol no Brasil.

Ó Divino Pã, e vós, deuses todos da corte celestial, deuses deste lugar, ajudai-me a buscar a beleza interior e fazei com que as coisas exteriores se harmonizem com a beleza espiritual! Fazei com que o sábio me pareça sempre rico e que eu tenha tanta riqueza quanto um homem sensato for capaz de suportar e bem governar!

(Platão, *Fedro*, 279 b-c.)

Ideias-chave

- » Uma epidemia é o resultado de um modo de pensar que tem sido desarmonioso a um nível social.
- » O sistema capitalista dominante tem as mesmas características parasíticas que o coronavírus.
- » Nós próprios criámos este sistema, consciente e inconscientemente, ao confundirmos a aparência com a realidade.
- » Através da compaixão juntamente com o crescimento espiritual, podemos criar um sistema harmonioso.
- » A grande prova ainda está para vir: um apelo à solidariedade (internacional).

Civilização doente

No artigo anterior, focámo-nos naquilo que é a doença de um ponto de vista teosófico. Explicámos que uma epidemia ou pandemia é uma doença num nível social ou global. Um processo de recuperação que se manifesta a si próprio, entre outras coisas, através da saúde física e que tem a sua causa radicada na mentalidade desarmoniosa. Também explicámos o que significa uma cura sustentável: aprendermos com a nossa doença.

Neste artigo iremos analisar o que isto significa para a nossa civilização. Qual é a mentalidade que conduziu a esta crise? Isto pode conduzir-nos às lições que podemos aprender para alcançar uma sociedade saudável e sustentável.

O que torna o mundo doente?

Uma, senão a mais importante, conclusão ética dos princípios da Theosophia é que toda a vida é essencialmente una. Num mundo que está em harmonia, todos irão agir consistentemente a partir desde sentido de unidade. As pessoas iriam cooperar umas com as outras, sacrificar-se uns pelos outros e ser compassivas em relação a todos os seres vivos: animais, plantas e à terra como um todo. Na nossa atual civilização vemos isto apenas de uma forma limitada.

Podemos dizer que é apenas uma questão de livre-arbítrio. Podemos escolher agir em harmonia com o todo ou no nosso próprio interesse. Contudo, as pessoas não estão normalmente tão conscientes das suas motivações ou das consequências das suas ações num contexto mais lato. Muitas vezes agimos por hábito, sem pensar muito sobre isso. E, se agirmos contra a nossa própria natureza – isto é, sem ser por compaixão – isso acontece

provavelmente mais por ignorância do que por má vontade.

Ignorância

A ignorância não consiste numa insuficiência de conhecimento factual ou de capacidade intelectual. É falta de autoconhecimento. Uma parte essencial do autoconhecimento é a percepção daquilo que compõe a nossa consciência. Isto significa que podemos discernir diferentes partes em nós. Do primeiro artigo conclui-se o seguinte: cada vida ou consciência, incluindo a humana, é em essência, ilimitada e imperecível. Também podemos chamar a isto a parte espiritual ou divina do ser humano. É o que nós *somos* em essência.

Por outro lado, *temos* uma parte transitória, e por isto não nos referimos apenas ao nosso corpo físico. O nosso mundo emocional também é de sobremaneira temporário, tal como podemos experienciar diariamente. Há porém uma parte intermédia que podemos chamar de parte de apren-

dizagem. É a parte dentro de nós que aprende a expressar o imperecível. Como seres humanos fazemos isso através do ato de pensar. Somos pensadores. Através do nosso pensamento determinamos quem somos e subseqüentemente como agimos.

Podemos identificar-nos com a parte transitória. Isto resulta na ideia de que somos estamos separados dos outros. Um exemplo disto é o impulso instintivo para sobreviver: lutando, fugindo, ou mantendo-nos quietos como uma estátua. Contudo, outras formas de desejo de coisas materiais ou pessoais apenas para nós e não para os outros, como as posses, dinheiro ou poder, são características deste modo de pensar.

Podemos identificar-nos com a parte imperecível. Identificamo-nos mais ou menos portanto com a outra vertente da vida. Isto manifesta-se, por exemplo, em compreensão, percepção ou compaixão.

Também podemos reconhecer estas duas características nas diferentes reações à crise do COVID-19. O comportamento de açambarcamento vem à tona: o desejo no ser humano. Porém, também existem pessoas que altruisticamente dedicam-se às pessoas à volta delas.

Os trabalhadores essenciais e o estado saudável

O filósofo grego Platão escreveu sobre a distinção entre o estado saudável e o “estado febril” ou excessivo há 2500 anos. No seu diálogo “O Estado” ou *Politeia* ele primeiro traça um esboço do estado saudável. Através de uma divisão do trabalho em que cada um faz aquilo em que é melhor – uns são agricultores, outros fazem roupas ou são construtores – as pessoas podem em conjunto satisfazer as necessidades da vida. É aquilo a que podemos chamar agora de trabalhadores essenciais que compõem os setores vitais para o funcionamento do estado. Também é interessante ver o que Platão escreve sobre o papel do dinheiro na sociedade. Fazer dinheiro não é um objetivo em si, clarifica. Afinal de tudo, trabalhamos para algo mais do que os nossos próprios interesses. O médico cuida dos doentes, o capitão cuida das pessoas no seu navio e o pastor cuida dos seus animais.⁽¹⁾ De modo a conseguir uma boa distribuição de comida, precisamos de dinheiro como meio de troca. Apenas àqueles que não podem trabalhar porque estão demasiado fracos é permitida a posse temporária de dinheiro. Estes são os comerciantes.⁽²⁾ São efetivamente os únicos que (temporariamente) podem possuir dinheiro. Fazer alguma coisa em troca de dinheiro é algo que as pessoas decentes têm vergonha e elas que-

rem manter isso em segredo, escreve ele.⁽³⁾ O dinheiro é apenas a compensação que aceitam, precisamente porque eles não servem o interesse próprio mas ao mesmo tempo, precisam de ter um meio de sobrevivência.

Isto não é apenas teoria filosófica. Fez-se investigação em comunidades de todo o mundo que são autossuficientes desta maneira.⁽⁴⁾ Até resultou num prémio Nobel.⁽⁵⁾

O estado febril ou excessivo

Platão define o estado excessivo como oposto do estado saudável. Naquele caso as pessoas banqueteiam-se com bolos, bebem vinho, vestem-se com roupas bonitas, usam perfume e decoram as suas casas com mobília bonita, quadros, ouro e marfim.⁽⁶⁾ Elas passam o tempo perseguindo coisas desnecessárias, luxúria e conforto. Ele descreve que num tal estado, a guerra e o conflito são inevitáveis em determinado ponto, especialmente quando não há limite ao desejo por dinheiro neste estado.⁽⁷⁾

Platão deliberadamente menciona aqui a ganância por dinheiro ou pelo lucro como uma característica. Os desejos carnis por comida, bebida ou procriação são em certo sentido naturais e podem ser satisfeitos, mas a posse de dinheiro pode crescer infinitamente e com este dinheiro podemos continuar a alimentar qualquer desejo carnal ou sensorial.⁽⁸⁾

Não é difícil ver o paralelo com a nossa sociedade atual. Desde há muito que o crescimento económico tem sido visto como o Cálice Sagrado. Aceitámos a história que o bem-estar melhora à medida que a economia cresce. Agora que já não conseguimos satisfazer necessidades supérfluas como andar de avião, fazer compras ou ver jogos desportivos devido à crise do COVID-19, torna-se claro o quão vulnerável este sistema é. Os meios de subsistência de muitas pessoas estão dependentes da satisfação das necessidades desnecessárias de outros, alimentadas pela sociedade de consumo baseada no lucro.

Platão também apelida o estado excessivo de estado febril. Refere-se à febre do desejo incontrolado, tal como a ganância por dinheiro. Esta febre manifesta-se agora fisicamente como resultado do coronavírus.

Um sistema parasítico

A economia é a produção e a distribuição de bens e serviços de modo a satisfazer as nossas necessidades do melhor modo possível. A origem desta “gestão doméstica” é assegurar que existem suficientes recursos para satisfazer as necessidades físicas das pessoas, como alimentação, vestuário e habitação. Nada mais! No sistema capitalista

atual, elevámos os meios usados para este propósito, dinheiro ou capital, para um fim em si mesmo. O sistema ignora portanto aquilo que é suposto servir: a sociedade como um todo.

No artigo “O que é um vírus?” escrevemos: um vírus multiplica-se quase infinitamente às custas do seu hospedeiro. O mesmo acontece àquilo que tornámos dominante no nosso sistema económico atual: o capital. O capital também se multiplica quase infinitamente à custa de tudo quanto vive: animais, pessoas, ecossistemas e clima global. Tem as mesmas características parasíticas de um vírus. Este capitalismo orientado para o dinheiro é ele próprio uma consequência da mentalidade de desejo prevalecente. Como escrevemos no artigo anterior, desejos, paixões e sentimentos descontrolados são causas de doença no longo prazo. No nosso atual sistema económico não ficamos apenas dependentes destes desejos orientados para o exterior, mas o sistema capitalista ainda os recompensa. É um sistema que torna o mundo doente. Mais abaixo, é explicado como isto funciona.

Capitalismo: ganância institucionalizada por dinheiro

O dinheiro é basicamente algo abstrato. É um acordo, um sinal de confiança que tem um certo valor de troca para bens e serviços.

O dinheiro também pode ser poupado e emprestado a outros que precisam dele. Podemos pedir uma taxa ou juros por isso, por exemplo porque estamos a ter despesas para manter o dinheiro seguro, ou porque há o risco de alguém não nos devolver o dinheiro. Em ambos os casos assume-se algo de negativo: uma forma de roubo. Portanto, numa sociedade honesta isto seria supérfluo. Em algumas tradições, o juro é até proibido.

Muitos detentores de capital pedem mais em troca do que aquilo que emprestaram porque precisam de ter equilíbrio financeiro. Têm lucro e portanto geram dinheiro, com dinheiro, sem adicionar valor real à sociedade. Contudo, isto também significa que a pessoa que pediu dinheiro emprestado, o devedor, tem de obter de algum lado o juro que tem de pagar. O devedor também de lucrar, por exemplo com uma produção maior, uma redução de custos, pagando salários inferiores ou emprestando dinheiro alguém ainda a uma taxa de juro superior. Este é, em resumo, o princípio do sistema capitalista. Se queremos manter este sistema, significa que a economia tem de continuar a crescer. As consequências deste vício no crescimento serão mencionadas abaixo. Podem ser vistas

como os sintomas da doença.

O impulso em consumir

Na economia atual, os produtos são feitos com um tempo de vida limitado, para que continuemos a comprar novos produtos. O foco está todo no consumo. Os animais também estão a ser criados para consumo a uma escala crescente. A fome pelo consumo causa muito consumo de energia, emissões de CO₂ e poluição. Exaure a natureza. Quer a bioindústria⁽⁹⁾ quer a crescente poluição atmosférica⁽¹⁰⁾, podem estar ligadas à emergência de epidemias de vírus. Ambos os fatores estão provavelmente envolvidos no surto de coronavírus.

Países de baixos salários

O trabalho e os recursos naturais são limitados. Por forma a continuarem a crescer, as empresas estão portanto à procura por trabalho e matérias-primas cada vez mais baratas, mesmo além-fronteiras. Mudam as fábricas para países de baixos salários e compram pedaços de terra, às vezes mesmo de governos corruptos que ficam eles próprios com o dinheiro em vez de deixar o capital verter para as pessoas.

As consequências negativas desta forma de globalização tornaram-se visíveis durante esta crise. Milhões de trabalhadores têxteis no Bangladesh perdem os seus trabalhos porque as pessoas no Ocidente já não compram roupas. No Ocidente, as pessoas dependem das máscaras que são fabricadas noutro lado. Se os países estão limitados em termos de providenciar as necessidades vitais porque estão dependentes, são também incapazes de ajudar os outros devidamente.

Monetizar tudo

Num mundo sem capital, haveria um limite natural àquilo que as pessoas usariam para satisfazer as suas necessidades. Porque é que um homem haverá de possuir dezenas de habitações se ele só pode viver em uma de cada vez? Porque é que ele há de cultivar mais alimentos do que aqueles que consegue comer ou armazenar? Quando o dinheiro deixa de servir apenas com meio de troca, mas é usado para acumular capital, dá a ilusão de que podemos possuir alguma coisa.

Suponhamos que tínhamos um mecanismo que nos possibilitaria possuir ar e comercializar esse bem. Outros teriam que pagar pelo ar que respiram. Algo assim conduziria à especulação, a pessoas que teriam muito mais ar do que outras.

Claro que pensamos que é lógico que o ar não possa ser reclamado como propriedade por alguém, embora seja um pouco menos óbvio que somos responsáveis pela sua qualidade. Na nossa sociedade atual, contudo, há um preço para a terra, para o que a natureza produz em termos de alimentos ou de matérias-primas, para o conhecimento e mesmo para o tempo. Desde que o preço seja justo, puramente para facilitar as trocas daquilo que produzimos, este não é ainda assim o maior problema. Contudo, ao perseguir a procura de mais capital, quase tudo tem, além do preço, um modelo de gestão: viagens, arte, cultura, desporto, relaxamento e mesmo o desenvolvimento espiritual. O que era antes visto como um bem público e que era mantida com verbas coletivas, deve agora seguir as leis do mercado livre. E, se não for suficientemente lucrativo, corre o risco de ser abolido.

Como um vírus, a multiplicação de capital destrói muitos sectores a partir de dentro. Na indústria farmacêutica, por exemplo, o dinheiro não é mais ganho principalmente pelo desenvolvimento, produção e venda de fármacos, mas pela compra e monopólio de propriedade intelectual sobre novas drogas, algo que é muito mais lucrativo.⁽¹¹⁾

Privatização

Fazer lucro no sector público é mais difícil, basta pensar no pessoal médico, professores, polícias e juizes.

Os serviços públicos que não puderam ser privatizados sofreram cortes consideráveis. Sob o disfarce das forças de mercado e da eficiência, o seu trabalho sofreu uma erosão. Em geral, os seus protestos não valeram de muito. O facto de em crises económicas anteriores não ter sido o sector privado mas o estado a tomar o controlo, mostra que uma forma exacerbada de mercado livre não funciona em muitos aspetos. Mesmo os governos e os presidentes que tinham alta estima pelas forças de mercado, que eram a favor de um “governo pequeno” e que acreditavam que as forças de mercado iriam resolver todos os problemas, foram forçados pela crise a pôr a sua filosofia de parte. Se não tivessem intervindo, a economia teria colapsado completamente.

A ironia é que não obstante o sector privado beneficiar de lucros em tempos de crescimento, acabaram sendo salvos com dinheiro público quando rebentaram as bolhas. Isto subsequentemente aumentou a dívida pública levando ainda a mais cortes no sector público. Parafraseando Chomsky⁽¹²⁾: privatizámos os ganhos e socializámos as perdas.

Em particular, nos hipercapitalistas Estados Unidos, as

pessoas vivem num mundo de cabeça para baixo. No país mais rico do mundo, serviços básicos, como a assistência social, a educação ou uma rede de segurança social tornaram-se escassas para a maioria da população, porque uma classe superior ultra-rica engoliu todo o capital.⁽¹³⁾

Aumento de desigualdade

O sistema capitalista conduziu a uma enorme desigualdade de riqueza, que continua a crescer. De acordo com a Oxfam, em 2019 as duas mil pessoas mais ricas juntas possuíam mais que os 4,6 mil milhões mais pobres.⁽¹⁴⁾ A riqueza no topo continua a crescer exponencialmente, enquanto os mais pobres estão ganhando comparativamente menos e vendo as suas dívidas crescerem. Há uma razão pela qual este sistema está conduzindo a um discrepância cada vez maior entre os ricos e os pobres, e ao esgotamento da natureza. Não há limite ao desejo por mais capital, mas há um limite para a disponibilidade de trabalho e de recursos naturais. O dinheiro é essencialmente imaterial e abstrato e pode portanto crescer infinitamente. Porém, as consequências da ganância institucionalizada por dinheiro não são tão virtuais. A maximização da produtividade do trabalho conduz a dias de trabalho mais longos e a mais estresse nas classes mais baixas, enquanto os do topo ganham o dinheiro.⁽¹⁵⁾ Dado que o capital no topo da pirâmide, entre os ricos, está a crescer cada vez mais rápido, eles também podem se apropriar de cada vez mais posses materiais e escassas, lenta mas seguramente privando mesmo as necessidades primárias de vida de outros.^{(16) (17)} Desde esta crise, tem havido até uma espécie de “corrida ao banco” entre os investidores, o que levou a uma desvalorização geral de dinheiro, particularmente nos países em desenvolvimento no fundo da pirâmide. As suas dívidas só estão a aumentar, sem que eles próprios tenham muita influência sobre o assunto.⁽¹⁸⁾

Como tomámos a aparência pela realidade

Platão definiu como ignorância tomar a aparência pela realidade.⁽¹⁹⁾ Este tempo de crise fez-nos de repente ficar conscientes da nossa ignorância coletiva. Ao mesmo tempo, isto significa que uma nova mentalidade está a começar a emergir. “Nunca se desperdiça uma crise”, é uma máxima conhecida.

Vemos que são os trabalhadores essenciais que fazem a economia necessária funcionar, pois enquanto existirem enfermeiras, professores, agricultores e condutores de autocarros, o país não ficará paralisado e ao menos não existirá mortes desnecessárias.

Agora que partes - da em parte excessiva - economia ficaram paralisadas, finalmente a situação ficou mais clarificada. Aqui também, a doença permite a introspecção. Pedimos às grandes empresas e bancos para que não paguem dividendos no entretanto.⁽²⁰⁾ ⁽²¹⁾ Pedimos à indústria farmacêutica para não guardar o conhecimento para si por forma a lucrar com ele.⁽²²⁾ Damos prioridade aos sectores vitais. Fica subitamente claro como o interesse económico está subordinado ao interesse geral. E, como é óbvio, deveria ser sempre assim.

Neste tempo de crise, parece subitamente que estamos mais conscientes da ética necessária. É quase inconcebível que depois deste período voltemos ao antigo normal. Porque é que não mantemos este foco na ética? É tempo de usar a nossa imaginação outra vez e mostrar o nosso idealismo.

As ideias governam o mundo

Uma sociedade é formada com base nas ideias. Como referido antes, não temos estado todos conscientes das ideias liderantes neste mundo e nas suas consequências. Ou para colocar numa forma negativa: ficamos entorpecidos com os nossos padrões habituais de conforto, luxúria e – por mais estranho que possa parecer – estresse. De facto, estar ocupado é também uma desculpa para não lidar com as coisas que compelem à mudança.⁽²³⁾

Contudo, o sistema capitalista não é um dado adquirido. É principalmente baseado em mitos como o *homo economicus*⁽²⁴⁾ e ideias ultrapassadas como a luta pela existência.⁽²⁵⁾ ⁽²⁶⁾

Há muitas alternativas imagináveis. Por exemplo, se começamos a colocar as necessidades básicas no centro da economia, como Platão no seu esquema do estado saudável, então garantiríamos que toda a gente tem um teto sobre a sua cabeça, comida suficiente e roupas para vestir. A natureza facilmente providencia a satisfação destas necessidades, desde que façamos um esforço conjunto e não procuremos ter mais do que o outro.

Poderíamos estender isto a serviços públicos como a educação, o apoio social, a segurança pública e a justiça. Estamos, com efeito, a nos referir aos trabalhadores essenciais que põem o nosso país a funcionar.

Presentemente, eles constituem pelo menos um terço da população trabalhadora.⁽²⁷⁾ Por outras palavras, se dividirmos este trabalho por toda a população trabalhadora, poderíamos completar o trabalho necessário em um terço do tempo. Pensemos no que se poderia fazer com o tempo que fica disponível.

De repente, temos todo o tempo que precisamos para nos

desenvolvermos juntos como pessoas. Para nos inspirarmos uns aos outros com música, arte ou literatura. Podemos ainda organizar tantos eventos desportivos, festivais culturais ou outro tipo de reuniões que queiramos, desde que as condições o permitam. Contudo, isto seria sem um modelo lucrativo, apenas numa base voluntária ou com um subsídio adequado.

Não teríamos que recorrer ao *outsourcing* nos cuidados para crianças, idosos e necessitados e criaríamos muito mais *tempo de qualidade* entre nós. Talvez já não fosse possível viajar de avião três vezes por ano, mas com todo o tempo que passaríamos na natureza, poderíamos já não ter mais essa necessidade. Além disso, poderíamos contribuir para a natureza em vez de poluir o ambiente.

No último artigo deste número iremos nos debruçar sobre uma sociedade que visa o desenvolvimento espiritual conjunto de todos os seres vivos. No que respeita ao papel da economia e do dinheiro nela, existem muito mais ideias, tal como Platão por exemplo descreve no seu diálogo “Leis” (página 24), ou como economistas atuais avançam, falando de uma era de *pós-crescimento*.⁽²⁸⁾

Uma mudança de mentalidade emerge

Tal como muitas vezes é o caso com a pandemia na história, uma mudança de mentalidade no campo social ocorre ao mesmo tempo.⁽²⁹⁾ A crise do coronavírus pode ser vista como uma das maneiras na qual essa mudança se expressa. Falando karmicamente, de certa maneira evocamos nós próprios as circunstâncias, uma vez que estejamos internamente prontos para ultrapassar uma certa característica. Isto é igualmente verdade para o karma grupal. Se aprendemos ou não a lição, isso é connosco!

E se esta crise do coronavírus evoca alguma coisa, é a necessidade de solidariedade. Estamos todos a fazer a nossa parte para evitar a propagação do vírus. Ficamos em casa. Mantemos a distância uns dos outros. Lavamos as mãos. Milhares de pessoas oferecem-se para ser voluntários. Fazemos máscaras para o pessoal de saúde. Fazemos as compras para os vizinhos. Continuamos a apoiar lojas, ginásios e restaurantes locais. De certa forma, a interconectividade no mundo tornou-se muito evidente. Aquilo que começou numa cidade chinesa espalhou-se pelo mundo. Cientistas de todo o mundo estão a trabalhar em conjunto para trocar conhecimento.⁽³⁰⁾ Holandeses são cuidados em unidades de cuidados intensivos alemãs. A China fornece conhecimento e assistência aos Estados Unidos. Médicos cubanos e russos trabalham na Itália.

É evidente, que também vemos os excessos, tal como os

Platão sobre a limitação do dinheiro

E visto que assim é, eu jamais concordaria com o ponto de vista de que o homem rico é realmente feliz não sendo também bom; por outro lado, se um homem for sumamente bom, será impossível que seja também sumamente rico? “Porquê?”, poder-se-ia indagar. Porque, responderíamos, o lucro que se extrai do que é justo somado ao injusto é mais que o dobro do que o que se extrai somente do justo, enquanto a despesa daqueles que se recusam a gastar honesta ou desonestamente corresponde a somente a metade da despesa daqueles que são honestos e apreciam gastar honestamente; por conseguinte, a riqueza daqueles que dobram os seus lucros e reduzem para metade os seus gastos jamais será superada pela riqueza daqueles que procedem nesses dois aspetos precisamente de modo oposto. Ora, destes dois tipos de indivíduos um é bom e o outro não é mau enquanto for parcimonioso, porém inteiramente mau quando não o for, e, como dissemos, em momento algum, bom, pois enquanto um homem, pelo facto de ter lucro tanto justa quanto injustamente e não gastar nem justa nem injustamente, é rico (e o homem inteiramente mau, por ser via de regra debochado, é muito pobre), o outro, que gasta em belos objetos e só obtém ganhos por meios justos provavelmente jamais se tornará extremamente rico ou extremamente pobre. Tudo isto comprova a veracidade do que afirmamos, ou seja, que os muito ricos não são bons e não sendo bons tão pouco são felizes.

Bem, o propósito fundamental das nossas leis era este: que os cidadãos fossem o mais felizes possível e unidos em mútua amizade no mais alto grau. Ora, jamais serão amigos se houver entre eles muitos atos ilegais e processos com muita frequência em lugar destes ocorrerem escassa e raramente. Afirmamos que é imperioso não haver no Estado nem ouro nem prata, e tão pouco muitas formas de ganhar dinheiro mediante o comércio vulgar, a usura e a criação vergonhosa de animais, mas apenas aquele lucro possibilitado e produzido pela agricultura e ainda na medida em que tal atividade que tem como objetivo o ganho de dinheiro não leve as pessoas a negligenciar os objetos para os quais o dinheiro existe, que são a alma e o corpo, os quais sem a ginástica e os outros ramos da educação nunca se converteriam em coisa de valor, pelo que asseveramos (e isto não só uma vez) que a busca de dinheiro está em último lugar no recebimento das nossas honras. De todos os três objetos que interessam a todo o indivíduo humano, o interesse pelo dinheiro, se corretamente direcionado, é o terceiro e último, o interesse pelo corpo vindo em segundo, e aquele pela alma sendo o primeiro. Por conseguinte, a forma de governo que estamos descrevendo terá as suas leis corretamente formuladas se prescrever as honras nessa ordem; porém, se qualquer uma das leis nela promulgadas apresentar conspicuamente a saúde como detentora de maior honra no Estado do que a temperança, ou a riqueza detentora de maior honra do que a saúde e a temperança teremos claramente uma promulgação errada.

LEIS, 743a-744a

senadores norte-americanos fazendo negócios com base em informação privilegiada mesmo antes do surto,⁽³¹⁾ grandes farmacêuticas tentando lucrar com a crise,⁽³²⁾ ou o presidente dos EUA oferecendo largas quantias de dinheiro a investigadores alemães para ter direitos exclusivos a uma possível vacina.⁽³³⁾ Contudo, os protestos contra estes excessos estão a tornar-se cada vez mais ruidosos.

As duas escolas de pensamento que referimos no início deste artigo podem ser reconhecidas na sociedade. Optamos pelo interesse geral ou pelo interesse próprio? Identificamo-nos com o lado transitório, externo e material e imaginamos que estamos separados, ou identificamo-nos com o lado imperecível, interno e espiritual e vemos conexão e unidade?

Vemos que cada vez mais pessoas reconhecem que a prosperidade ou crescimento material em capital não equivale a bem-estar, mas que é apenas a aparência do bem-estar.⁽³⁴⁾ Reconhecemos que o crescimento do Produto Interno Bruto não está relacionado com a experiência de felicidade das pessoas.⁽³⁵⁾ Percebemos que o sistema atual, que visa uma economia a crescer, também cria uma desigualdade crescente. Uma desigualdade cada vez maior, que por sua vez está associada a consequências prejudiciais para a sociedade como um todo, tal como o crescimento do crime ou uma deterioração na saúde mental e física.⁽³⁶⁾

Soluções fraudulentas

No futuro próximo, seremos ainda mais testados em re-

lação à nossa capacidade para distinguir entre aparência e realidade.

Como é que temos a certeza de que os milhões que os governos estão agora a disponibilizar realmente chegam às pessoas que deles precisam, em vez de ir para as grandes empresas que foram descapitalizadas pelos acionistas, que focados no lucro de curto prazo, dificultam que estas companhias adicionem valor no longo prazo?

E o que acontecerá quando avaliarmos os danos depois da crise? Vamos voltar a cortar no sector público ou vamos fazer com que os mais ricos efetivamente paguem uma parte proporcional dos custos?

Existem cada vez mais ideias para a sociedade que se quer mais justa. Ideias como o rendimento básico, uma abordagem diferente no tratamento dos animais e uma economia mais sustentável.⁽³⁷⁾ Porém, se realmente queremos aprender com esta crise, precisamos de ir mais além. Um vírus também é um limpador, como já escrevemos, e a doença que causa é um processo de limpeza. Esta crise também pode ter um efeito purificador, desde que estejamos preparados para romper com os nossos padrões de pensamento desarmoniosos.

Uma perspetiva diferente do Homem

O autoconhecimento é a verdadeira solução para conseguir se libertar da ignorância. Enquanto temos uma visão limitada da vida – uma visão materialista – o egoísmo espreita, qualquer que seja o sistema que desenhamos.

Isto acontece porque atribuímos realidade àquilo que meramente aparece como real. De facto, tal como referido no início deste artigo, é a parte espiritual dentro de nós que faz-nos quem verdadeiramente somos, não a nossa parte externa, nem as nossas posses materiais, nem a nossa posição social.

Vendo a partir desta parte espiritual, em conjugação com leis da natureza como a ciclicidade e o karma, podemos realmente ganhar perceção sobre o sentido da vida, de que este é de facto sobre o desenvolvimento espiritual de todos os seres.

Este crescimento espiritual conjunto pode ser indefinidamente sustentado sem nunca entrar em conflito com os outros, porque a partir desta perspetiva deixamos de ver os outros como estando separados de nós. Se presentemente, formos capazes de focar-nos em empreender (ainda mais) esta mudança de mentalidade, então também seremos capazes de construir um sistema social na qual a compaixão é central. Um sistema no qual tratemos os animais de uma maneira natural, no qual trabalhemos

internacionalmente para efetivamente ajudar os outros e também agir em harmonia com toda a vida do qual somos uma parte integrante. No último artigo esboçámos uma imagem deste cenário. Contudo, em primeiro lugar, no próximo artigo, descrevemos aquilo que podemos fazer agora, baseado nestes princípios.

O teste que virá

A crise do coronavírus é de facto uma expressão de uma crise ético-mental na qual, conforme disse Churchill, “estamos no fim do princípio, mas não é ainda o princípio do fim”. O vírus está agora grassando no relativamente rico Ocidente, mas está também começando a se espalhar em países menos prósperos, onde em áreas densamente povoadas, um metro e meio de distância raramente é opção. Portanto, haverá um apelo à nossa solidariedade internacional. Todos aqueles de nós que fazem com que a parte sensata dentro de nós seja liderante suportam a sabedoria de que este mundo precisa para fazer as escolhas certas nesta altura crucial.

Referências

1. *Plato Complete works*. Edited by John M. Cooper and D.S. Hutchinson. Hackett Publishing Company, Inc., Indianapolis, USA 1997. Republic / Politeia 341-345.
2. Ver ref. 1 371b-d.
3. Ver ref. 1 347b.
4. <https://en.wikipedia.org/wiki/Commons>
5. https://en.wikipedia.org/wiki/Elinor_Ostrom#Nobel_Prize_in_Economics
6. Ver ref. 1 373a.
7. Ver ref. 1 373d.
8. Ver ref. 1 580e–581a.
9. https://blavatskyhouse.org/uploads/files/Lucifer_EN/lucifer-en-2020-1.pdf
10. https://blavatskyhouse.org/uploads/files/Theosophical_literature_about_epidemics_and_pandemics.pdf
11. <https://www.somo.nl/somo-reveals-the-financialisation-of-the-pharmaceutical-industry-and-the-potentially-deadly-costs/>
12. https://en.wikiquote.org/wiki/Noam_Chomsky#Sovereignty_and_World_Order,_1999
13. <https://eand.co/capitalism-is-literally-killing-america-4e05fee5ffa7>
14. Clare Coffey e.a. (2020) *Time to Care*. Oxfam. <https://www.doi.org/10.21201/2020.5419>
15. <https://news.un.org/en/story/2019/04/1036851>
16. <https://www.nytimes.com/2020/04/22/world/africa/coronavirus-hunger-crisis.html>

17. Isto não tem nada a ver com o facto de alguns capitalistas se tornarem filantropos. Contudo, mesmo nesta situação eles tornaram-se tão poderosos, fruto do seu capital, que sem controlo democrático, podem seguir a sua própria agenda. <https://www.theguardian.com/books/2015/oct/24/no-such-thing-free-gift-gates-foundationphilanthropy-review>
18. <https://www.thenation.com/article/economy/economy-fed-imf/>
19. Ver ref. 1 Protagoras, 357d–e.
20. <https://www.bankingsupervision.europa.eu/press/pr/date/2020/html/ssm.pr200327~d4d8f81a53.en.html>
21. <https://fd.nl/beurs/1339499/oproep-aandeelhouders-aanbe-drijven-vergeet-het-dividend>
22. <https://www.ftm.nl/artikelen/roche-releases-recipe-afterpublic-pressure-while-european-commission-considersintervention-due-to-coronavirus-test?share=0BoE4sQAB%2FM-44cPopy4WXbb3TQKfJjGg1NWU6T9jK5hrqsJ7EZRDcfiiYdzQw%3D%3D>
23. E. Bomas, “Why are we so busy? And how do we stop being so busy”. *Lucifer – the Lightbringer*, No. 3, Outubro 2019, p. 83.
24. <https://www.oecd.org/forum/oecdyearbook/towards-acaring-economy.htm>
25. <https://eand.co/how-coronavirus-proves-americas-a-failed-state-f89edd6358e6>
26. B. van den Noort, “How “the struggle for existence” gets more and more out of fashion”. Artigo em *Lucifer – the Lightbringer*, No. 3, Outubro 2018, p. 84.
27. Nos Países Baixos representam um terço da população <https://www.cbs.nl/nl-nl/faq/corona/economie/hoeveel-mensenwerken-er-in-cruciale-beroepen-> e nos EUA o seu peso é estimado entre 34% e 43% <https://www.brookings.edu/research/how-to-protect-essential-workers-duringcovid-19/#footnote-1>
28. <https://thecorrespondent.com/357/outgrowing-growth-whyquality-of-life-not-gdp-should-be-our-measure-of-success/6132269682-f81be934>
29. <https://www.newyorker.com/news/q-and-a/how-pandemicschange-history>
30. <https://www.nytimes.com/2020/04/01/world/europe/coronavirusscience-research-cooperation.html>
31. <https://www.ft.com/content/e3a82b44-6a3f-11ea-800dda70cf-f6e4d3>
32. <https://theintercept.com/2020/03/13/big-pharma-drugpricing-coronavirus-profits/>
33. <https://www.politico.eu/article/germany-confirms-that-donaldtrump-tried-to-buy-firm-working-on-coronavirus-vaccine/>
34. https://www.communio-icr.com/files/SchindlerDC_Money_Format.pdf
35. Ver ref. 28.
36. [https://en.wikipedia.org/wiki/The_Spirit_Level_\(book\)](https://en.wikipedia.org/wiki/The_Spirit_Level_(book))
37. <https://www.euractiv.com/section/climate-environment/opinion/which-world-do-we-want-after-covid-19>



Nascer do sol em Cuba.

Agindo agora à luz da Teosofia

O que devemos fazer agora? A Theosophia é intemporal, e por esta razão oferece uma filosofia de vida prática para o presente, para as nossas ações agora, no meio desta crise mental, social e física.

Ideias-chave

- » É altura de trabalhar conscientemente numa filosofia de vida.
- » Podemos responder facilmente a questões práticas, com os princípios fundamentais de unidade, ciclicidade e igualdade.
- » Ter propósito ajuda-nos a avançar. Ajudar os nossos companheiros humanos é a chave para isto.
- » Esta crise é um teste decisivo sobre aquilo que somos.

Com o mundo a viver diferentes variantes de quarentena, um das questões mais importantes que as pessoas se fazem individualmente, mas também coletivamente é: o que devemos fazer *agora*? Organizações, legisladores e governos, mas também estudantes, pais e os mais idosos, todos estão à procura de respostas. A ideia por trás desta questão é clara: quanto tempo levará? – algo que como quase todos percebem, realmente não sabemos. O presente é relativo. No momento em que está a ler isto, a imagem desta crise é já diferente de que quando este artigo foi escrito. Os instantâneos tirados numa crise mostram sempre uma imagem de confusão. Quais são as melhores medidas? Como trabalhar em termos de disciplina para manter estas medidas? Como nos ajudamos uns aos outros, localmente e em termos globais? Como lidamos com o que está a acontecer agora? Uma crise aguda como esta mostra o quanto ainda estamos nadando no pensamento de curto prazo, e o quanto não estamos bem preparados para calamidades. Aqueles que são

considerados sábios e “especialistas” explicam-nos aquilo que temos de levar em conta no futuro próximo ou distante, mas são escutados com relutância.

A Theosophia oferece uma filosofia prática de vida para o *presente*. Ao mesmo tempo, esta síntese de religião, filosofia e ciência é intemporal, ou melhor, serve para todas as épocas. Para uma resposta sobre o que temos de fazer *agora* à luz da Teosofia, é portanto sensato não nos focarmos apenas no curto prazo. Afinal de contas, as nossas ações podem ter um efeito de longo prazo. O autointeresse egoísta pode parecer benéfico no curto prazo, mas pode ser a fonte de uma nova crise no longo prazo. Por outras palavras, agindo *agora* com compaixão e sabedoria requer uma visão que se prolonga a longo prazo.

Então, como pode a Theosophia nos ajudar? É sempre prático começar a partir dos três princípios básicos. E isso é o que iremos fazer! As três proposições nas quais a Theosophia é baseada são descritas em detalhe no primeiro artigo desta revista. Por

agora, resumamos-las em três palavras-chave: *unidade, ciclicidade e igualdade*. Vamos manter presentes estas proposições básicas enquanto olhamos para alguns tópicos importantes e urgentes.

Unidade e saúde

A Unidade essencial que está subjacente a todos os seres diz-nos que a essência de tudo esteve, está e estará sempre lá. A consciência é portanto eterna, na qual apenas as formas de vida são temporárias. Este vírus não apareceu de repente do nada e não irá rapidamente desaparecer. Apenas a forma externa passou agora a existir e temporariamente desempenha um papel dominante na cena mundial. Contudo, a natureza do vírus e a forma como as pessoas reagem a ele, não é apenas uma questão física. Na verdade, está relacionada com os processos subjacentes, conforme explicado no artigo sobre *o que é a doença*. Portanto, os efeitos dos esforços para conter o vírus não podem apenas ser medidos com números sobre infeções e imunidade. Também devemos trabalhar em direção a uma clima saudável de pensamento, conforme esboçamos num artigo sobre uma *sociedade global saudável*. Não obstante, além de assistência social, temos de fazer todos os esforços para manter as consequências da pandemia tão suportáveis quanto possível.

Os cuidados médicos de pessoas que ficaram gravemente doentes estão sobre pressão severa. Porém, os esforços que muitos estão a fazer para ajudar as pessoas é notável. Nem todas as pessoas vão percebê-lo – não têm de o fazer – mas a compaixão subjacente a esta boa vontade para ajudar está radicada na Unidade a que todos essencialmente pertencemos. A compaixão deve ser alimentada, mutuamente, como um remédio poderoso, e não apenas em pequenos círculos, mas em todo o mundo. Todo o ser humano é igual.

O conhecimento médico e a disponibilidade de recursos no mundo devem portanto ser separados dos interesses políticos e económicos. A disseminação do conhecimento e a produção de recursos deve ser regulada tanto quanto possível através de canais independentes que podem assegurar uma distribuição justa. Neste caso, a OMS (Organização Mundial de Saúde) poderia desempenhar um papel pioneiro. Porém, a política desta organização da ONU está infelizmente sob pressão das tensões políticas internacionais. Isto é mais uma razão para pôr os interesses globais em primeiro lugar.

Ainda há mais uma razão para manter este interesse global em estado puro. Partindo de uma visão global

e integral, podemos colocar tudo no lugar, sem ter que escolher entre A e B, sem ter que escolher entre combater o sofrimento provocado pelo vírus e a dificuldade económica. Se pensarmos em sub-interesses separados ficamos atolados numa batalha desesperada entre grupos para os quais a ideia de unidade está totalmente ausente. Se virmos esta totalidade, podemos trabalhar construtivamente em soluções.

Perspetiva sobre a mortalidade

Que devemos fazer se ficarmos em quarentena? Ao menos teremos tempo para pensar. Entretanto, o vírus tornou claro como em geral ainda estamos lutando para aceitar a nossa mortalidade, enquanto a Theosophia mostra-nos que somos essencialmente imortais. O corpo pode ser mortal, mas a nossa consciência nuclear não é.

Se partirmos da ciclicidade da vida, da reencarnação, a nossa vida atual é um passo num caminho até à eternidade. Levamos as nossas experiências connosco, nada fica perdido. Não é então, um período de quarentena bastante adequado para analisar (uma vez mais) a nossa perspectiva sobre a vida? Graças a todos os meios de comunicação modernos, podemos também partilhar as nossas questões sobre a vida com quem quisermos mesmo no nosso estado de semi-isolamento.

Então trocas de ideias podem surgir, por exemplo, em resposta a uma questão como: “Se se encontrar numa situação em que está a receber cuidados médicos, quer ou não ter ventilação mecânica?” Por outras palavras: porque é que quer prolongar uma vida quando há poucas esperanças? O que pensa sobre a vida e morte? Uma conversa tal pode não ser apenas esclarecedora se tivermos ainda saudáveis, mas também pode evitar muitas emoções se a situação ocorrer, e isto é verdade também para os profissionais de saúde.

No início de abril, médicos e enfermeiras recream um dilema face a problemas de capacidade nos centros de cuidados intensivos: quem seria escolhido para tratamentos mais pesados e intensivos e quem não seria escolhido? Eles trabalharam duramente para evitar tais escolhas. Porém, não deveríamos deixar uma escolha difícil como essa para o pessoal de saúde.

Como é evidente, nem todos irão abraçar as ideias teosóficas essenciais depois de um primeiro contacto com as mesmas, mas a crise torna significativo para todos pensar sobre a vida. Olhamos para nós como a personalidade que “merece” esta vida, ou somos capazes de experimentar alguma dessa Unidade, percebendo que somos parte

de um processo maior, no qual o bem comum é a nossa inspiração? Encontrar significado eventualmente começa com uma percepção crescente que o ser humano pessoal pode-se olhar ao espelho, mas nunca verá o seu verdadeiro Eu, a sua própria essência. Como pessoas somos efetivamente mortais, mas como consciências humanas, centelhas da Unidade, somos imortais. Esta ideia não é fácil de obter, mas é um bom ponto de partida. Mesmo nesta crise, somos confrontados com a questão sobre como nos comportamos. É uma escolha simples, mas fundamental: fazemos escolhas para nós próprios ou para a sociedade e para todos aqueles que de alguma maneira precisam do nosso apoio?

Toda a gente tem o livre arbítrio de fazer essa escolha, ninguém pode decidir pelo outro. Contudo, seja o que for que queiramos, é importante *trabalhar conscientemente numa perspectiva da vida*.

Agindo com propósito em casa

Os pais com crianças em casa estarão sempre ocupados e agradecerão cada minuto de descanso. Existem muitas pessoas que na sua reclusão caseira forçada ocuparão o tempo vendo filmes, “jogando” ou colando um novo papel de parede num quarto. Naturalmente, não há nada de mal nisto, mas como parte integrante da sociedade podemos nos perguntar se há algo com mais significado que possamos fazer. Por exemplo, podemos dedicar-nos a um curso de matemática (outra vez), ou seguir um curso online para uma vaga na nossa comunidade local. Podemos também, como uma extensão do nosso enfoque no significado da vida, estudar mais Theosophia, ler novamente o *Bhagavad-Gitā* e debater com o nosso parceiro, *online* ou de outra forma, com os nossos amigos. Se procurarmos, há muita coisa por fazer. Em resumo, podemos enriquecer o nosso pensamento, intelectual e espiritualmente.

Estar ocupado em casa requer um exercício de disciplina a que não estamos normalmente habituados. É melhor aplicar uma regularidade fixa no nosso dia-a-dia. Um cronograma é algo em que podemos nos basear. Levantar-nos da cama a uma determinada hora, fazer por exemplo alguns exercícios de ginástica e passar o resto do dia trabalhando em tarefas que definimos previamente para nós. Agirmos com propósito faz-nos avançar. Em primeiro lugar, há a ajuda que prestamos aos outros seres humanos. Quando ajudamos os outros, sentimo-nos bem. Porquê? É uma síntese maravilhosa dos princípios de unidade, ciclicidade e igualdade. Ajudamos na cons-

ciencialização crescente de que somos um em essência, e portanto, de facto, nunca podemos olhar para o lado. Com a ajuda que oferecemos, há a experiência recorrente de que isto está em concordância com a Natureza. Ajudamos na percepção crescente de que tudo em essência é igual e parte de um esquema maior.

Portanto, podemos ajudar-nos mutuamente nesta crise, principalmente num contexto menor, às vezes num contexto mais amplo se construímos uma rede mais vasta, seja através de uma mensagem para os vizinhos, organizando uma coleta para o centro comunitário e mantendo contacto com os mais idosos e com aqueles que vivem sozinhos. Os exemplos de ajuda que vemos nos meios de comunicação social são calorosos e mostram quanta empatia e compaixão está a ter lugar nesta altura.

Se não correr bem

A imagem de uma sociedade que atualmente seja um modelo de união e caridade não tem sustentação. Isto não é surpresa para ninguém. O egoísmo manifesta-se não apenas em situações típicas de comportamento de ratinho de laboratório temeroso mas também em situações mais graves, particularmente na esfera económica. A fraude com o comércio de máscaras faciais mostra, por exemplo, o quão longe as pessoas se distanciam das próprias da solidariedade e da consciência ética. Precisamos de mostrar a estas pessoas que também elas não podem ficar contentes com a situação.

De facto, elas comprometem-se com a natureza parasítica do vírus. Mas mesmo a uma escala doméstica, mais pequena, as coisas não estão a correr bem com a pressão desta crise. Por exemplo, há um aumento assinalável em disputas maritais, pedidos de divórcio, dando trabalho aos mediadores. Há dramas nos lares, em que os parceiros brigam quando estão juntos por muito tempo. Esta crise mostra os lados vulneráveis da nossa personalidade. É um teste decisivo sobre quem somos sem o mar de liberdades externas que a nossa vida normalmente oferece. Neste caso também, existem lições muito úteis para ser aprendidas, para aqueles que estão dispostos a aprendê-las.

Este é também um tempo difícil para pessoas que estão ou sentem-se sozinhas. Quando somos mais velhos e os nossos contactos de confiança já partiram ou estão longe, isso é certamente compreensível. Contudo, a solidão é uma experiência que pode afetar a nossa personalidade, mas não a nossa verdadeira humanidade, porque se somos parte do todo, se somos essencialmente um, então a

solidão é uma ilusão. Na prática, esta ilusão tem muitas faces. Podemos descrevê-la com a seguinte “fórmula”:

Solidão = as relações que desejamos menos as relações que temos.

Se pensarmos sobre os três princípios básicos e percebermos que efetivamente temos uma relação com tudo e com todos, o sentimento de solidão irá gradualmente desaparecer, pois as causas mais profundas de solidão residem na perspectiva que temos sobre a vida. Uma pessoa pode separar-se do seu parceiro, ter pouco contacto social e não se sentir sozinha; outra, sente-se sozinha no mundo, quando o seu parceiro viaja durante uma semana. Algumas pessoas podem ficar sozinhas durante dias, sem um sentimento de solidão. As pessoas mais velhas que se sentem abandonadas podem também ser capazes de ver pontos de luz pensando na vida fora dos seus próprios padrões de pensamento.

Quer as coisas correm bem ou menos bem nas limitações do nosso tempo, é sem dúvida um exercício de paciência. Podemos formar uma imagem mental de alguém que encarna a paciência. Podemos alimentar essa imagem. H.P.Blavatsky fala em *A Voz do Silêncio* sobre a chave dourada de *Kshanti*: a doce paciência, que nada pode alterar. Por isso, podemos ver a quarentena como um exercício bem-vindo. Se conseguirmos passar bem por isto, teremos dado um grande passo adiante.

União

Nos artigos acima mostramos como as características do comportamento parasítico podem lesar-nos como humanidade. Se formos honestos connosco próprios, também sabemos o que o egoísmo mental faz, e que formas de pensamento e ação parasítica desenvolvemos como humanos, talvez durante vários ciclos. Sabemos as consequências: por exemplo o negligenciar de direitos humanos, a desigualdade da economia global, o egoísmo de um “mercado livre” a um nível global, o abuso massivo de quase todo o reino animal para a nossa cadeia alimentar e o dano ao ambiente e ao clima.

Nós podemos, ou melhor, nós *temos* que nos empenhar – no pensamento e se possível na ação – em todas as iniciativas positivas que estão agora a ser levadas a cabo em todo o lado. Nas iniciativas internacionais, mas também nas inúmeras iniciativas locais de pessoas que se ajudam umas às outras. Podemos basear-nos na solidariedade que vemos agora a uma grande escala para ajudar a ultrapassar

esta crise, para trabalhar em direção a uma unidade por um mundo melhor. Neste sentido, o vírus pode também contribuir para restaurar a harmonia. Temos um tesouro de conhecimento na Theosophia. Estamos também um pouco habituados ao prolongamento de medidas, Vamos também prolongar a união – e não perdê-la de vista.



Nascer do Sol no Chile.

Uma sociedade global saudável

Imune a todos os germes

Ideias-chave

» A nova sociedade é baseada numa imagem espiritual da humanidade. Os objetivos de vida tornam-se diferentes. A ética é uma consequência lógica disto.

» Todas as crises, tal como esta pandemia, surgem porque uma nova fase está a emergir. Nós não estamos ainda com o controlo das capacidades para esta nova era.

» No mundo de hoje, as fronteiras desapareceram, mas a mentalidade está muitas vezes focada no “próprio grupo”.

» Cada país ou região deve ser uma unidade poderosa e independente dentro da comunidade mundial e possivelmente ajudar outras regiões a tornarem-se também numa unidade forte. Pense globalmente, aja localmente.

» O potencial infinito de todo o ser humano e a consciência da interligação cria um clima de pensamento saudável.

» Sejamos a mudança que queremos ver no mundo.

Se um paciente gravemente doente sobrevive à sua enfermidade, o seu médico muitas vezes aconselha-o a reorganizar a sua vida de modo a permanecer saudável. Se ele voltar a cair em velhos hábitos, a doença reaparece. É bom olhar para trás e ver o que causou a doença, mas o melhor é olhar para o futuro e fazer um plano para permanecer saudável.

Quando uma sociedade afetada pela pandemia se levantar do leito de doença e der os primeiros passos, é sensato organizar a vida de modo a que a doença não retorne. Portanto, embora ainda estejamos (a sofrer as consequências) na pandemia, é positivo que a sociedade como um todo desenvolva um plano de saúde de modo a que fiquemos imunes a quaisquer novos germes.

Da imagem materialista do homem à imagem espiritual do homem

Para desenvolver um plano saudável claro, primeiro temos de nos perguntar o que é realmente um ser humano. Se soubermos o que é um ser humano, também podemos organizar o nosso mundo de uma forma humana.

Conforme mostraram os dois artigos introdutórios deste número da *Lucifer*, o homem é consciência. Essa consciência sempre foi e sempre será. Periodicamente reveste-se de uma forma, que é temporária. O nosso

foco deve estar portanto na consciência e não no corpo.

Olhando retrospectivamente para os últimos dois séculos, temos que concluir que a imagem de humanidade foi essencialmente formada por uma ciência materialista, que minou as ilógicas doutrinas da Igreja. A ideia de que a vida deriva da matéria e de que o homem não é nada mais do que o seu corpo gradualmente tornou-se na opinião prevalecente, especialmente nos círculos científicos. No que respeita ao homem, surgiu a ideia de que evoluímos do macaco para o homem atual. Muitos biólogos estão portanto inclinados a explicar todos os tipos de coisas humanas – psicológicas e físicas – com esta ideia. Eles acreditam que as nossas tendências atuais são um legado disso. Outro dogma é o de que o nosso carácter seria determinado por material hereditário, o ADN. Quer em publicações científicas ou em publicações mais populares, as propriedades físicas, psicológicas e mentais são “explicadas” pelo ADN,

embora já se tenha descoberto que o ADN não determina quem nós somos.⁽¹⁾

Uma grande quantidade de pessoas já ouviu esta visão materialista. Determinou as nossas ações. Está na base de muitos atos egoístas. É a fonte principal de cinismo. Embora durante a crise muitas pessoas sinceramente acreditem que tudo deve mudar depois da pandemia, também lemos textos cínicos que o homem está a voltar aos seus velhos padrões de hábitos. De facto, mesmo durante a crise às vezes caímos nos velhos hábitos. Também temos de perceber que os velhos hábitos que construímos ao longo de muitas vidas não desaparecem subitamente. A mudança não ocorre tão depressa.

O homem, porém, não está condenado ao mal, antes pelo contrário. O homem é essencialmente um ser nobre. Nas camadas mais espirituais da sua consciência residem capacidades exaltadas. Há sabedoria e compaixão no homem. Podemos desenvolver essa sabedoria. A mudança mais importante que deve ter lugar depois de uma crise é o desenvolvimento de uma perspectiva diferente sobre a humanidade. As perspetivas sobre a humanidade da Antiguidade e das religiões orientais, devem ser estudadas seriamente, não apenas por curiosidade histórica, mas porque podemos aprender alguma coisa com elas. Os diferentes aspetos e capacidades que a Theosophia mostra tão claramente nos seus ensinamentos pode ser parte desses estudos psicológicos. Se cada indivíduo considerar que nele há um lado pessoal e outro suprapessoal da sua consciência – no seu pensamento – e que o lado suprapessoal pode ser mais desenvolvido, então o cinismo e a tendência para o egoísmo desaparecem. Mesmo que não vivamos (completamente) no lado suprapessoal da nossa consciência, mas se pelo menos soubermos que existe e que tem valor, já teremos dado um grande passo em frente. Afinal de contas, teremos encontrado a nossa bússola interna que nos pode ajudar a encontrar o nosso caminho, e se estivermos perdidos, a encontrar o caminho de volta.

Uma imagem espiritual dos humanos, uma sociedade virtuosa

Uma imagem diferente do homem conduz a uma imagem diferente da sociedade na qual devemos viver. Se virmos o homem como o *homo economicus*, a prosperidade e o luxo é o nosso objetivo de vida. Se virmos o homem como um ser espiritual, o desenvolvimento de capacidades espirituais é o nosso objetivo. Claro que também teremos que dar alguma atenção ao mental e ao físico de

modo a criarmos uma coesão harmoniosa do ser humano como um todo. Tal como um ser humano, a sociedade também tem um aspeto espiritual, mental e físico. A parte espiritual recebe muito mais atenção numa nova sociedade. O progresso espiritual de todos é o objetivo comum. O pensamento é direcionado ao espiritual, de modo a que possamos controlar os nossos desejos. A parte física da sociedade irá também receber uma quantidade apropriada de atenção, embora isso vá ser bem menos do que é hoje. Portanto, irá certamente existir atenção para a comida saudável, cultivada sem prejudicar o ambiente, lares agradáveis, roupa durável e outras coisas físicas. Contudo, todas estas coisas serão olhadas de uma perspetiva espiritual. O mais importante é que cada ser humano tenha o todo na mente e que sintonize as suas ações e pensamentos com base nisso. Isto significa que levamos uma vida ética, considerando todas as pessoas, ou seja, tudo o que vive.

As filosofias e religiões antigas muitas vezes falam de virtudes tais como a veracidade, paciência, coragem, respeito pela vida e acima de tudo, a compaixão. Se estas virtudes são mais valorizadas na nova sociedade, muitos dos velhos hábitos, que são baseados em vícios, irão desaparecer. Esta apreciação surge, quando compreendemos que a ética não é uma invenção humana mas reflete o padrão habitual do universo. O cosmos é palco de uma grande colaboração mútua. Nenhuma entidade depende apenas de si própria. Tudo está interligado. Por isso é que é tão importante refletir constantemente nos princípios teosóficos. Isso permite-nos ter um entendimento mais claro sobre como o cosmos está construído e como o verdadeiro ser humano espiritual vive e sobre como a sociedade onde ele vive aparenta.

Neste artigo faremos um breve esboço, uma imagem de um mundo construído com base no lado suprapessoal do homem e que é menos ou mesmo nada suscetível a pandemias. Não é uma utopia, porque cada ser humano tem estes aspetos espirituais na sua consciência. Se desenvolvermos estes aspetos então a gestão, a economia, a indústria, a educação, a agricultura e a pecuária serão completamente diferentes.

Primeiro, o mais importante. Portanto, a ordem correta para redesenhar a nossa sociedade é: em primeiro lugar uma perspetiva diferente da vida. Isto resulta numa nova mentalidade, trazendo a mudança na sociedade.

Mudança de mentalidade

Se formos suscetíveis a certas influências no nosso pensa-

mento, então a nossa natureza física também será suscetível a essas influências da mesma característica. Já falámos sobre isto em *O que é a doença?* Portanto, quer o vírus tenha originado num mercado de Wuhan ou no laboratório P4 nessa cidade, se nós humanos tivéssemos uma constituição física distinta, o vírus não nos tinha afetado, nem nos tinha tornado doentes. A disrupção da sociedade é igualmente uma consequência dos padrões de pensamento da humanidade. Afinal de contas, toda a sociedade está assente em pensamentos. Portanto, a verdadeira causa da crise reside no nosso pensamento. Com efeito a cura de uma doença é portanto um processo mental. De facto, uma doença aparece de modo a que um homem possa desenvolver novas faculdades e perceções nele próprio e que portanto possa crescer em consciência. Isto também se aplica se a doença for um efeito que ocorre posteriormente. O karma é o melhor instrutor.

Pensemos por exemplo na SIDA. Em todo o mundo fez adoecer seriamente muitas pessoas: homens, mulheres, heterossexuais, homossexuais, novos e velhos e até crianças. É uma doença relativamente moderna: a verdadeira cura acontece quando lidamos diferentemente com sangue, drogas e vacinação. Na verdade, esta doença anuncia uma nova fase de desenvolvimento; é uma nova lição para todos, para a raça humana em evolução. Os medicamentos não curam, embora às vezes deem algum conforto. Apenas suprimem os sintomas, mas a causa, que reside na mente, nunca foi modificada por nenhum medicamento. Contudo, não queremos banir os medicamentos. Eles podem aliviar a dor e ajudar a guiar a doença para fora do corpo.

Cada nova doença é como um novo capítulo de um livro “Como se tornar um ser humano perfeito”. Uma nova fase na história da humanidade, que ainda não dominámos, surgiu. Se pensarmos cuidadosamente e lembrarmos-nos de lições anteriores, também podemos passar através desta nova fase incólumes. Contudo, por vezes cometemos erros de principiante e a sociedade fica desequilibrada. Então recebemos material extra para praticarmos, que apenas podemos dominar se abordarmos essa lição de um ponto de vista suprapessoal. Para explicarmos com um exemplo: depois da Segunda Guerra Mundial houve um claro impulso ético global. A fundação das Nações Unidas e a Declaração dos Direitos Humanos Universais foram marcos no desenvolvimento humano. O reconhecimento que cada grupo de pessoas tinha o direito à sua independência tornou-se evidente, não obstante às vezes houvesse resistência violenta por parte do colonizador. Parece

que aprendemos as lições da Segunda Guerra Mundial. Infelizmente, à medida que os anos passaram, e que as novas gerações tomaram conta do leme, esquecemo-nos de algumas coisas. Uma vez mais, os grupos populacionais foram discriminados. Os tratados assinados, tais como aqueles sobre os direitos dos refugiados, não foram respeitados. A atmosfera de fraternização, cooperação e a vontade de viver em paz foram secundarizados por muitos. Depois da queda do muro de Berlim, quando muitas fronteiras desapareceram, passou a haver mais contacto entre as nações, mas a questão é se ganhámos maior compreensão de uns em relação aos outros. Se a mentalidade for dominada pelo desejo egoísta, a harmonia surge novamente em cada nova situação, mesmo num mundo com menos fronteiras.

Só estaremos prontos para um novo capítulo no nosso desenvolvimento que quando mostrarmos na prática que processámos as lições do passado. Portanto: respeitemos os direitos humanos, incluindo os dos refugiados. Trabalhemos pela paz. Não vendamos armas, principalmente a países em guerra. Encorajemos a cooperação internacional e evitemos a armadilha do nacionalismo.

A cura de um mundo doente acontece da mesma forma que a de um indivíduo doente, porque assim como em cima, também é em baixo. A atual pandemia surgiu em parte porque uma nova fase começou, que se nos apresenta com grandes desafios. Uma nova mentalidade precisa de ser desenvolvida. Estamos prontos para um novo capítulo para nos tornarmos Humanos completos.

Uma mentalidade pequena num mundo grande

Quando estamos a meio de uma era, é difícil ver as suas características e descobrir que lições específicas a humanidade precisa de aprender. Porém, já nos referimos acima ao pensamento materialista dominante no Ocidente, que originou do Iluminismo. Se tentarmos ter uma visão mais geral e olharmos para a nossa era Ocidental numa perspectiva, digamos, dos últimos 100 anos, vemos que o nosso mundo tornou-se mais e mais pequeno. Com ferramentas técnicas, podemos ter uma conversa com quase toda a gente neste mundo como se fôssemos nossos vizinhos. Com o avião e a internet tornámos a nossa terra uma *aldeia global*. Contudo, a questão é se a mentalidade humana cresceu em simultâneo com esta mudança massiva. Ou ainda pensamos em ponto pequeno? Identificamo-nos com o nosso grupo, com a nossa “casta”, com aqueles que julgamos serem “iguais a nós”? Pelo facto das

fronteiras terem desaparecido, o poder do desejo é muitas vezes aplicado de forma ilimitada e descontrolada, o que conduziu a um mundo caótico, injusto e doentio. Não é uma questão de encerrar as fronteiras, o que alguns países decidiram fazer por receio de alastramento do vírus. Não devemos recuar para dentro das trincheiras. Temos de criar um mundo sem fronteiras *com uma mentalidade diferente*.

Que mudanças poderiam ocorrer se pudéssemos viver mais através dos nossos aspetos suprapessoais e controlar o desejo e a vitalidade desenfreadas?

De volta ao essencial

Toda a nossa economia irá atravessar uma mudança radical, como tornámos claro em *Civilização doente*.

Numa sociedade doente onde todos vivem com base no seu aspeto suprapessoal, qualquer forma monetária seria desnecessária. Todos contribuiriam para a sociedade à sua maneira, independentemente do pagamento. Isto parece distante, mas podemos caminhar nesse sentido em passos pequenos.

Se a economia apenas servir para manter nas necessidades básicas da vida, é melhor dar a cada cidadão adulto ou em idade de estudar uma certa quantidade de dinheiro com a qual ele ou ela podem satisfazer necessidades básicas. Por outras palavras, *rendimento básico incondicional*. Dinheiro grátis para todos.

Talvez as pessoas ainda tenham a ideia de que é estranho que recebamos dinheiro sem trabalhar. Contudo, esse não é o caso. Se olharmos, por exemplo, para uma família, então cada membro está abrigado debaixo de um teto, tem comida e outras necessidades básicas. Não será a sociedade uma grande família?

Cada membro da família também contribuirá para os trabalhos que precisam de ser feitos da melhor maneira possível. É por isso que deve existir de facto um trabalho básico além do rendimento básico. Todos devem dar o seu contributo à sociedade.

Fruto das leis de reencarnação e causa e efeito, cada família é o resultado dos pensamentos e ações de todos os membros da família. Isto aplica-se igualmente a um “grande família” como uma cidade ou um país. É por isso que não é apenas lógico mas também uma obrigação, que todos contribuam para o todo do qual são parte integrante e que recebam da comunidade aquilo que precisam em troca do seu contributo. Ao fazê-lo, cada um tem o seu dom, o seu próprio grau de desenvolvimento. Ninguém deve receber mais do que outro, só porque tem maiores

dons. À luz disto, o rendimento básico incondicional e o trabalho básico universal são muito naturais.

Dado que não vivemos ainda numa sociedade plenamente harmoniosa, uma sociedade que seja uma cópia perfeita da estrutura hierárquica do universo, podíamos, numa espécie de situação de transição, desempenhar trabalho pago ou voluntário adicionalmente ao rendimento básico. Somos livres para decidir por nós próprios.⁽²⁾

Mesmo governos que de forma nenhuma suportam a ideia de um rendimento básico são forçados pelas circunstâncias a introduzirem-no (parcialmente). Nos EUA, por exemplo, um país no qual o governo tradicionalmente não interfere com os rendimentos dos cidadãos, foi feito um plano de entregar a todos 1200 dólares. Embora isto só vá acontecer numa base temporária, já existem aqueles que acreditam que deve ser uma medida mais estrutural. Um rendimento básico permanente é mais eficiente que o sistema de benefícios, pensões ou deduções fiscais. Se cada um receber o rendimento básico, provavelmente não teremos que trabalhar 40 horas. Existem organizações que calcularam que se cada cidadão trabalhasse 28 horas, a economia poderia funcionar harmoniosamente sem qualquer perda de prosperidade. Por outro lado, os benefícios são grandes. Ninguém ficaria estressado. Não haveria desemprego. Trabalhar foras de horas seria uma coisa do passado. Para além do nosso contributo para a economia, poderíamos nos desenvolver espiritualmente e ocupar-nos com outras facetas do ser humano, intelectuais, artísticas ou espirituais. A luta estéril que, devido à pandemia, teve lugar em muitos países em todo o tipo de instituições inverter-se-ia. As bibliotecas que estão fechadas reabririam as portas. As escolas de música e as companhias de teatro que foram à bancarrota podiam começar de novo. A vida artística em todas as cidades refloresceria. Os museus seriam gratuitos. A ciência, a filosofia e a religião e a troca de ideias entre elas, estariam no centro das atenções.

Mais: as pessoas teriam novamente tempo umas para as outras. A coesão social na sociedade aumentaria. Teríamos novamente tempo para visitar a nossa mãe ou pai ou para ter uma boa conversa com a vizinha cujo marido acabou de morrer.⁽³⁾

Um sistema focado no desenvolvimento da consciência

Se a economia deixar de ter como objetivo o lucro, deixa de haver qualquer necessidade de fazer com que os fatores de produção sejam tão eficientes quanto possível, mesmo

às custas da qualidade do trabalho. O sistema de globalização significa que a produção está dividida em várias facetas, que foram transferidas para aqueles países em que os custos eram mais baixos. Por exemplo, um medicamento pode ser produzido em 15 fábricas diferentes espalhadas por vários países. Se uma destas fábricas falhar, o medicamento deixa de poder ser feito. A crise mostrou quão dependentes e fracos ficaram os países quando eles deixam de ser capazes de suportar a si próprios em várias maneiras. Numa sociedade espiritualmente orientada, a eficiência da produção não é uma prioridade. Porque deve o processo de produção deve ser o mais eficiente possível? Porque torna-nos mais ricos, ou pelo menos alguns de nós mais ricos? Porém, faz alguns de nós mais pobres. Os ricos podem viver num luxo ainda maior. Mas, qual é o propósito da vida?

Se começarmos por uma perspectiva diferentes dos humanos, os objetivos mudam. Tudo passa a ser sobre desenvolvimento espiritual. Será que um ser humano desenvolve-se através do trabalho quando ele tem que executar, uma ação mecânica durante horas, tal como um robô numa fábrica de automóveis?

A globalização e a automatização reduziram um trabalhador a uma engrenagem numa máquina que ele próprio não entende. Portanto temos de voltar a uma situação na qual as pessoas sabem o que estão a fazer, o que produzem, ou que serviços estão a fornecer.

Portanto, nada de fábricas que fazem uma parte específica para um telemóvel, mas um processo de trabalho no qual alguém supervisiona todo o processo de trabalho, que permita a produção de todas as peças, pelo menos tantas quanto possível. Isto pode parecer um pouco menos eficiente, mas no longo prazo é muito mais eficaz, porque tornamos as pessoas em trabalhadores independentes, criativos e que pensam, e com muito mais satisfação no trabalho.

A criatividade é necessária, não apenas para a produção de bens mas também para o desenvolvimento dos homens e mulheres que trabalham. Uma vez ouvimos a história de empreendedor que era conhecido como um fornecedor de escadas. Contudo, ele próprio alegava que ele mais do que fazer escadas, o propósito da sua empresa era inventar uma forma de levar as pessoas de um piso para outro. Isto pode parecer apenas um jogo de palavras, mas mostra que a criatividade é desenvolvida através de um modo diferente de pensar.

É por isso que seria melhor se cada país ou região retomasse todo o processo de produção, ou pelo menos tanto

quanto possível. Um país não deveria focar-se somente numa única atividade económica. Os países devem ser autossuficientes. Por outras palavras, um país ou região deve ser responsável pelo seu próprio abastecimento alimentar, mas também, tanto quanto possível, pela produção de todos os tipos de produtos e serviços essenciais. Assim, um país é forte e independente e pode manter-se por si só material, mental e espiritualmente. Como resultado, um tal país ou região é também capaz de contribuir para o todo maior, porque, como é evidente, nenhuma comunidade se sustenta sozinha, é parte do todo maior. Consequentemente não há aqui uma questão de nacionalismo. Pelo contrário. Embora a atividade económica tenha lugar na própria região, isto é realizado com base numa consciência universal. *Pense globalmente, aja localmente.* Alguns restaurantes já aplicam alguns destes princípios ao colocarem produtos da sua própria região no menu. Se um país for forte, terá capacidade para ajudar outros povos, que poderão ter menos potencial. Ajudar não significa tornar dependente uma outra nação. Não, a ajuda serve para tornar as outras nações também mais fortes, autoconfiantes e altruístas. Todo o conhecimento num tal país é portanto partilhado com outros povos. A ideia de patentes está evidentemente fora de questão, que afinal de contas só existem graças ao modelo económico de fazer dinheiro. Uma nação gosta de partilhar os seus conhecimentos e capacidades com os outros. O conhecimento pertence a todos. Esta independência num contexto maior é de facto a cópia da estrutura hierárquica do universo. Uma entidade tem uma certa autonomia dentro do grande todo. Quando todas as nações percebem isto, forma-se um canal através do qual mais forças espirituais podem fluir para o benefício de toda a humanidade. Então, em caso de necessidade, podemos ajudar-nos uns aos outros de uma forma melhor e reduzir o risco de desastres. De facto, cada região aprende a ser universal. Universal, no sentido em que é uma cópia em miniatura da riqueza da totalidade da vida humana. Isso leva à conclusão de que a economia não é para fazer lucro, mas para manter a comunidade.

Lugar para animais e plantas

A crueldade do velho sistema económico é mais tristemente expressado no tratamento dos animais. Na moderna economia baseada no lucro, os animais tornaram-se em objetos que nós, como se eles fossem produtos industriais, empilhando-os aos milhares em locais demasiado pequenos. Contudo, os animais são seres inteligentes que têm

as mesmas emoções que os humanos.⁽⁴⁾

Há uma relação próxima entre os humanos e os animais.

⁽⁵⁾ De facto, os humanos são os exemplos nos quais os humanos – de forma não autoconsciente – se focam. Porém, em vez de os estimularmos no seu desenvolvimento como animais, privamo-los literalmente do espaço para fazê-lo. Privamo-los de espaço ao destruir o seu habitat e de os criá-los como animais domésticos. Neste caso, privamo-los de seguir os seus instintos naturais.

No mundo pós-crise devemos ter uma mentalidade em relação aos nossos irmãos mais novos. Devemos dar-lhes parte da terra e dos frutos da terra. Isto não é uma nova política. Os Bishnoi no deserto do Rajastão, na Índia, vêm fazendo isto há séculos. Doam parte das suas colheitas aos animais e pássaros. A produção excedente é assim devolvida à natureza. Compare-se isto com os países exportadores de alimentos: damos “a produção excedentária” dos frutos da terra aos pobres em outras partes do mundo?

Os Bishnoi respeitam os outros reinos da natureza em todos os seus atos. Eles partem de uns poucos princípios e virtudes, como por exemplo o que não se pode retirar mais energia de um organismo do que aquele com que este consegue lidar, sem pôr em perigo o próprio organismo. Se vivermos desta maneira, então trabalhamos sempre com a natureza e esta nunca pode ripostar sob a forma de desastres e crises..⁽⁶⁾

Porque não usar este princípio? Porque é que não devemos devolver mais terra (agricultável) aos animais e às árvores? Porque é que reduzimos os habitats dos animais ao aumentar o número de estradas, casas, campos de golfe, estacionamento, centros de distribuição, parques industriais e especialmente terra arável para a produção de alimentos para animais, de modo a que possamos comer mais carne? Torna-nos mais felizes? O mesmo princípio aplica-se aos humanos. Porque é que se deve permitir que uma pessoa ganhe milhões, enquanto outra é um sem-abrigo e quase não consegue comer? Um tal desequilíbrio irá um dia ter de ser resolvido e constituirá portanto a causa de novas crises.

Então, deixamos de criar animais? De onde arranjaríamos o nosso leite, carne e ovos?

Seria, sem dúvida melhor para os animais se deixássemos de criá-los ou de treiná-los para o benefício ou para o divertimento dos humanos. Temos de aprender a alimentar-nos e divertir-nos sem os nossos irmãos mais jovens. Hoje em dia o uso de produtos animais na nossa dieta está tão generalizada que precisamos que esta redução tenha

lugar em fases. Porém, enquanto mantemos animais em cativeiro, vamos ao menos garantir de que eles podem seguir os seus instintos animais tanto quanto possível. Não retiremos o vitelo à sua mãe. Demos às galinhas espaço para bicarem. E, se quisermos andar a cavalo, façamo-lo sem magoar o cavalo.

De facto, devemos desenvolver esta mesma responsabilidade em relação às consciências ainda menos desenvolvidas, as plantas. Naturalmente, não podemos viver sem alimentos. Contudo, existem bastantes métodos agrícolas que não poluem o solo e o ar e que não requerem a manipulação de plantas. A monocultura é um modo antinatural de fazer agricultura. Além disso, o rendimento por hectare na agricultura é muito maior do que na criação de gado. A terra é suficientemente grande para encher 8 mil milhões de estômagos.

Se cada região tiver o seu próprio nível de produção de alimentos, as exportações de alimentos só terão lugar em pequenas quantidades e para locais próximos da terra de origem dos produtos.

Um mundo mentalmente saudável

Se a verdadeira causa da doença está no nosso modo de pensar, é óbvio que os cuidados de saúde mental tornar-se-ão muito importantes. Um clima mentalmente saudável é a melhor garantia para a saúde mental.

No nosso mundo atual existem milhares de pessoas com problemas psicológicos que são difíceis ou impossíveis de resolver. Não obstante quão diferentes estes problemas sejam, são todos causados por um certo desequilíbrio no pensamento, que leva a que todo o tipo de influências entre na consciência. É muito difícil restabelecer o equilíbrio, especialmente porque o mundo no qual vivemos é também desarmonioso.

Quando as três proposições e os pensamentos essenciais que apresentámos nos primeiros dois artigos foram mais conhecidos, haverá indubitavelmente uma maior consciência da unidade e da paz mental: a base para um mundo mentalmente saudável. A consciência de que temos capacidades infinitas e de que estamos inextricavelmente ligados, dá-nos a força para resolver todos os desafios e problemas. É o remédio para qualquer doença psicológica.⁽⁷⁾

De facto, nenhum médico pode curar seja quem for, porque ninguém pode pensar por outrem. Contudo, é o dever dos médicos ajudar e guiar as pessoas doentes, mental ou fisicamente, no processo de lidar com a doença. Porém, esse é na realidade o dever de cada ser humano.

Educação à luz do desenvolvimento da consciência

Se na nova sociedade a economia deixar de ser a coisa mais importante, isto tem um efeito direto na educação. Hoje em dia, fundamentalmente formamos pessoas de modo a que elas possam contribuir para a economia. As disciplinas importantes que são ensinadas às crianças têm sempre como objetivo os contributos que estas darão mais tarde para a economia, quando estiverem inseridas na sociedade. A arte e a música são ensinadas, mas são vistas como um divertimento sem qualquer valor prático. Em muitos países as crianças estão ser preparadas para um papel na sociedade. Às vezes têm de desistir de certas áreas numa idade precoce porque não encaixam no perfil da profissão que são obrigadas a escolher.

Porém, é muito melhor formar crianças do modo mais amplo possível. Porque é que deveremos desistir de matemática se não somos bons nela? Não, deverá ser dada a ajuda e a oportunidade para desenvolver essa capacidade. Se somos estudantes brilhantes, então também é para nós aprendermos a trabalhar com as nossas mãos. Se somos estudantes de ciências, deveremos aprender arte e línguas também. Além do mais, os estudantes precisam de aprender a trabalhar juntos e a apreciar os talentos uns dos outros.

A este respeito, podemos aprender bastante com o sistema finlandês, onde todas as crianças até aos dezoito anos recebem uma educação ampla sendo dada muita atenção às disciplinas criativas. Nessa idade elas são treinadas o suficiente para escolher que profissão querem seguir e que estudos posteriores necessitam de empreender.

O propósito central da educação é o de permitir que as almas reencarnantes continuem o seu desenvolvimento espiritual e de forma não-egoísta assumam novamente as suas tarefas na sociedade. Quanto mais universais forem os seres humanos, melhor eles irão desempenhar essa tarefa. Precisamos de homens e mulheres universais e criativos. É aí que o foco deve estar, também na educação.

Sê a mudança que queres ver no mundo

As verdadeiras mudanças apenas têm lugar se mudarmos a nossa perspetiva da vida. Se não conseguirmos responder satisfatoriamente às questões da vida, então é muito mais difícil motivarmo-nos ao imaginar um mundo melhor. Portanto, cabe-nos não só a nós mas a toda a humanidade pensar cuidadosamente sobre questões como: qual é o sentido da vida? O que acontece após a morte? Porque é que eu vivo aqui e agora? Uma filosofia espiritual de

vida é a melhor garantia para mudanças sociais.

Claro que as mudanças não vão acontecer todas de uma vez. As revoluções normalmente não levam a humanidade mais além. Uma revolução significa que um grupo de governantes dá lugar a outro. Contudo, se a mentalidade das pessoas não mudar, os velhos hábitos irão em breve reaparecer.

Portanto, a verdadeira mudança é uma mudança de mentalidade que não acontece de uma só vez. Os pensamentos podem ser “tipos durões” que perduraram por muitas vidas ou mesmo vidas. Consequentemente eles não desaparecem de repente. Por vezes, isso só acontece com desafios e esforço.

Já neste momento ou logo depois da crise, os primeiros testes chegarão. Como tratamos as pessoas ou os países com menos reservas financeiras, que saíram da crise em pior situação? Como lidamos com os milhões de homens e mulheres que perderam os seus empregos? Como lidamos com os refugiados?

Não temos que voltar a cair nos velhos hábitos. A mudança é possível. Podemos começar a pensar de nova maneira. As ideias governam o mundo. É por isso que precisamos de ter uma perspetiva na nossa mente de como isso pode acontecer. Temos que continuar a nutrir o nosso ideal suprapessoal com a nossa mente. Embora não possamos viver no imediato numa sociedade ideal suportada por todos devido à inércia das massas, podemos deixar o ideal viver em *nós* e moldá-lo tanto quanto possível em cada detalhe das nossas vidas diárias. Se partirmos do princípio teosófico que tudo provém da mesma fonte e que a fraternidade é portanto, um facto na Natureza, damos forma a estes princípios em tudo o que fazemos.

Portanto, se sentimos que o dinheiro não deve ser gasto em fins não-éticos, abrimos uma conta bancária num banco que apenas apoia projetos com propósitos sociais ou ambientais. Se pensarmos que um trabalhador do Bangladesh deve ganhar um salário justo, não compremos uma T-shirt de 5 euros, porque não deve ter sido produzida de forma justa. Não deixemos que o preço do produto seja a motivação para a nossa compra, mas a forma como foi produzido. Se pensamos que a bio-indústria abusa dos animais, deixemos de comer carne ou outros produtos animais. Em resumo, sejamos a mudança que queremos ver no mundo. Em cada ação podemos nos perguntar se estamos servindo a nós próprios ou ao todo.

Uma nova fase no desenvolvimento da humanidade está no horizonte. Somos uma parte disso quando vivemos na parte suprapessoal da consciência compósita que somos.

Cada chuvada das monções começa com as primeiras gotas. Poderíamos ser essas gotas. Uma andorinha não faz a primavera, mas anuncia-a.

Referências

1. Bouke van den Noort, 'Why heredity is so difficult to predict,' *Lucifer, the Light-bringer*, 2017, Vol. 1, No. 4, p. 25.
2. Ver: Rutger Bregman, Ted talk, Why we should give everyone a basic income, https://www.youtube.com/watch?v=aIL_Y9g7Tg0; Rutger Bregman, Why we should give free money to everyone, *The Correspondent*, 24 Dezembro 2013.
3. A comunidade científica está também pedindo uma mudança na forma como a economia funciona. Num manifesto "Podemos tornar a Holanda radicalmente mais sustentável e justa: cinco propostas para a Holanda depois do coronavírus", 170 conhecidos cientistas holandeses que trabalham nas melhores universidades do país sugerem um modelo de desenvolvimento que não seja baseado no crescimento, mas na redistribuição, agricultura circular, redução de consumo e de viagens e no perdão de dívidas. Ver: https://www.voetafdruk.eu/nieuws/_20200411manifestnederlandnacorona.html
4. Frans de Waal, *Mama's Last Hug, Animal Emotions and What They Teach Us about Ourselves*. W.W. Norton Company, Nova Iorque / Londres, 2019.
5. A Teosofia mostra claramente a relação entre humanos e animais. Ver por exemplo: G. de Purucker, *Man in Evolution*, capítulo 13, Man the Repertory of All Types, pp. 195-211, 1ª edição 1941.
6. More about the Bishnois, ver: <https://www.sahapedia.org/bishnois-of-western-rajasthan-culture-of-nature-conservation>
7. Ver: Erwin Bomas, 'Why are we so busy? And how do we stop being so busy,' *Lucifer the Light-bringer*, 2019, Vol. 7, Nº. 3, p. 83

Altruísmo

Gottfried de Purucker explica aqui, numa maneira que apela diretamente aos nossos corações e mentes, quão normal, quão universal e essencial é o Altruísmo.⁽¹⁾

A natureza humana, quando ouve falar ou lê sobre Altruísmo, é tão propensa a imaginar que é algo estranho a nós, arrastada para a vida humana como uma coisa muito desejável a adotar, mas, no fim de contas, altamente impraticável, não estando inerente às características dos seres humanos serem naturalmente altruístas. Por outras palavras, estão todos fascinados com a ideia do interesse próprio isolado. Não está esta suposição humana quase universal totalmente infundada na própria natureza? Pois, para onde quer que olhemos, seja o que for que consideremos ou estudemos, vemos que o trabalho individual por si só é impotente; para onde quer que olhemos em todos os grandes reinos do Universo, é a união do esforço e da cooperação de combinações de vida, o que não é só o que a própria Natureza trabalha para produzir e portanto aquilo que encontramos em todo o lado; mas qualquer coisa que vá em sentido contrário a esta lei fundamental do Universo – que é a união na ação – produz desarmonia, conflito e aquilo a que nos nossos próprios corpos chamamos de doença. A saúde é aquela condição da estrutura corpórea onde todas as partes trabalham com um objetivo comum, ao qual podemos chamar de amizade, ou união. Considere as pedras: não são elas combinações, uniões de indivíduos compondo, fazendo, produzindo uma coisa? Nenhum átomo isolado de qualquer dos elementos químicos da qual é composta qualquer pedra é a própria pedra. E no caso da bela flor? E no caso dos corpos em que vivemos? E no caso de um homem sozinho? Poderia ele sozinho produzir as grandes obras que os homens com o seu génio construíram? O que é a civilização, senão os esforços combinados dos seres humanos de produzir nobres e grandes efeitos na vida humana – aumentando o conforto, dissipando o perigo, fomentando as produções geniais dos grandes homens que revertem para o nosso

conforto e uso. Apontem um só caso em que o puro interesse próprio produziu alguma coisa. Não encontramos nada, se considerarmos a Natureza em todos os seus reinos, senão a união de obras por parte de multidões de indivíduos cooperando para um fim comum. E o que é isso senão Altruísmo? Altruísmo é a palavra que damos a este facto quando vemos o seu significado ético, e esta significância não é de nenhum modo, maior ou menor, diferente daquilo que vemos no mundo físico.

O Altruísmo significa o um a trabalhar para todos – a lei fundamental da natureza em todas as suas grandes estruturas – e o todo sendo o guarda, o escudo e o campo de esforço do um. Pensemos nas profundas lições morais, nas deduções a serem retiradas desta grande verdade universal, e não mistério; tão comum à nossa volta que normalmente passamos por ela sem reparar. Mostrem-me alguma coisa que possa durar sozinha por um simples instante de tempo. Dois ou mais átomos unidos fazem uma molécula; duas ou mais moléculas uma produção maior; e são as multidões incontáveis de tais uniões que produzem o universo. Qualquer entidade isolada que ensaie seguir o caminho ignóbil do autointeresse isolado coloca a sua vontade insignificante contras as forças que mantêm as estrelas no seu curso, que tornam os nossos corpos saudáveis, que ajudam a nascer civilizações e que produzem todas as maravilhas que existem entre nós.

Há um ponto no ensinamento em ligação com isto e que é muito importante que seja apresentado ao mundo e que é a Esperança. Conhecem a velha história, sobre uma pessoa muito curiosa e inquisitiva que abriu uma caixa e que todos os males do mundo escaparam para fora, restando apenas nela a Esperança? Ora, acho que isto contém uma grande dose de verdade que tem um significado prático nos problemas da vida. Enquanto o homem tem

esperança, ele não desespera. Não interessa se é fraco ou forte; se ele tem esperança, algo em vista, se o seu espírito interior, o ser espiritual dentro dele, ensina-lhe algo sobre a esperança, ele não só nunca entrará em desespero, mas tornar-se-á um edificador, um construtor, um trabalhador com o Universo, porque ele avançará, e isto é Altruísmo. Para usar o vernáculo das escolas semi-filosóficas de hoje, todos somos crianças do Universo, do seu lado físico e do seu lado espiritual e divino. Assim sendo, existe em cada peito humano uma fonte inesgotável não apenas de inspiração, mas também de crescimento, de esperança, de sabedoria e de amor. De modo que o mundo de hoje, embora aparentemente numa condição perigosa, num estado desesperado, ainda contém homens e mulheres suficientes para sobrepor a onda de progresso evolucionário à turbulência e conflito atuais, pois a maioria da humanidade está essencialmente certa nos seus instintos, especialmente nos instintos superiores.

Portanto, não vejo nada de terrivelmente desesperado na situação atual do mundo. Não só acredito que existe lugar para a esperança, mas que a centelha imorredoura da espiritualidade, de sabedoria e de amor do altruísmo, sempre presentes no coração humano, irão resgatar a raça humana das presentes séries de impasses, dificuldade, mas ao encontro de dias radiosos, que serão mais sábios e suaves. Não são as crises, quando as coisas se quebram ou parecem quebrar: não é o som horrível do trovão ou o impacto do seu raio, que governam as grandes funções da vida, humanas e cósmicas; mas os lentos, para nós homens, e sempre calmos infundáveis processos silenciosos, que constroem: constroem quando despertamos, constroem quando dormimos; constroem o tempo todo; e mesmo na raça humana, nos conduzem para o futuro, loucura após loucura.

Há o espaço para a nossa esperança; e parece-me que todos os bons e verdadeiros homens devem se juntar para defender estas verdades simples e fundamentais que qualquer coração humano consegue entender, seja adulto ou criança. Acredito que seja altura em que os homens e mulheres comecem a olhar para o lado positivo das coisas, a ver a esperança à nossa volta, de se esquecerem deles próprios e das suas preocupações insignificantes, e de viver no Infinito e no Eterno. É fácil, infinitamente mais fácil que adoecermos continuamente por causa de inquietações e preocupações! Dentro de cada um de nós há algo divino ao qual nos podemos agarrar, e que nos ajudará a fazer a travessia!

Não me digam que o Altruísmo é algo estranho e exóti-

co para nós, incomum, impraticável; pois é a única coisa que perpetua vidas, a única coisa que perdura. Quando qualquer elemento único ou parte do corpo humano perdura por um tempo. Quando qualquer elemento único ou parte do corpo humano começa a funcionar “por sua conta” surge a doença. Quando qualquer elemento único ou parte de uma determinada estrutura combinada que ajuda a compor o mundo à nossa volta começa a funcionar “por sua conta”, ou seja, aquilo a que chamamos de interesse próprio, então surge a degeneração e a decadência. Uma dedução e uma questão: qual dos dois devemos seguir? – o caminho da Inteligência cósmica que nos traz saúde interior e exterior, paz interior e exterior, força interior e exterior através da união interior e exterior? Ou o ensinamento de um interesse próprio isolado e enganoso que se põe em primeiro lugar prejudicando todo o resto? Não será tempo de nós, como teosofistas, darmos ao mundo alguns dos ensinamentos internos simples do Deus-Sabedoria dos antigos? Mostrem-me um ensinamento mais sublime, mais sugestivo para o intelecto humano e para os ditames da consciência humana, que o do Altruísmo, que nos coloca numa união íntima com o palpitar do Coração Cósmico, e cuja ideia, desde que a consigamos passar para as mentes dos homens, mais do que justificará todo o trabalho que os Grandes Mestres de Sabedoria têm vindo a fazer pela humanidade desde tempos imemoriais! A ética acima de tudo!

Referência

1. Tradução de ‘Altruism’, de Gottfried de Purucker. Publicado em: *Wind of the Spirit*, Point Loma Publications, San Diego 1976, p. 25-28.

Teosofia: princípios e prática

O que é a Teosofia?

O nome Teosofia deriva dos termos gregos “Theos” e “Sophia” significando Sabedoria Divina. Não é uma religião, mas uma filosofia de vida, que oferece a cada ser humano a possibilidade de encontrar uma solução para os muitos problemas da vida.

A Teosofia forma a base da moralidade. Esta moralidade resulta de forma lógica de um número monumental de ensinamentos sobre as leis no Universo e a estrutura do Homem e do Universo. Estes ensinamentos não são baseados na crença, mas no conhecimento, que foi testado pelos grandes Sábios do passado e do presente.

A Teosofia estimula o pensamento independente e a busca pela verdade. A Teosofia explica o como (ciência), o porquê (filosofia) e o quê (religião) da vida.

As três proposições

H.P. Blavatsky menciona no seu livro *A Doutrina Secreta* três proposições teosóficas. As proposições não são dogmas. Ao examinar o seu valor na vida quotidiana, ganhamos um entendimento da Vida

Proposições: citações de <i>A Doutrina Secreta</i>	Explicação	Algumas conclusões
1ª Ilimitação Um PRINCÍPIO Onnipresente, Eterno e Imutável, sobre o qual toda a especulação é impossível, porque transcende o poder da concepção humana e porque toda a expressão ou comparação da mente humana não poderia senão diminuí-lo. Há uma Realidade Absoluta, anterior a tudo o que é manifestado ou condicionado.	Há uma causa incausada de todos os seres. Isto não é uma entidade. Não só nós despontámos DISSO – <i>somos</i> ISSO no nosso ser mais profundo. .	Todos os seres estão inseparavelmente ligados. A fraternidade universal é um <i>facto</i> na Natureza. Todos os seres são de igual valor. As inumeráveis diferenças entre eles não alteram este <i>facto</i> fundamental.
2º Aparecimento e desaparecimento cíclicos A Eternidade do Universo in toto como um plano sem limites; periodicamente “cenário de Universos inumeráveis, manifestando-se e desaparecendo constantemente”, chamados “as estrelas que se manifestam” e “as Centelhas da Eternidade”.	A VIDA manifesta-se periodicamente. Depois de cada período de manifesta-se ela recolhe-se novamente.	Todas as coisas são animadas. Cada forma é o resultado da consciência que opera através dela. Tentativas para reformar a nós próprios e à sociedade nunca darão resultados permanentes a menos que sejam dirigidos à reforma da nossa consciência.
3.º Dependência mútua, padrões universais e desenvolvimento da consciência A identidade fundamental de todas as Almas com a Alma Suprema Universal, sendo esta última um aspeto da Raiz Desconhecida; e a peregrinação obrigatória para todas as Almas, centelhas daquela Alma Suprema, através do Ciclo de Encarnação, ou de Necessidade, de acordo com a lei cíclica e kármica, durante todo esse período.	Sendo filhos do Ilimitado, transportamos capacidades ilimitadas em nós mesmos. Cada ser está desenvolvendo as suas capacidades latentes. Portanto, ele evolui gradualmente de “átomo a deus” – e mais ainda, sem fim.	O Cosmos é um grande organismo coerente, e cada entidade é uma parte viva e em desenvolvimento dele. Há sempre uma verdade maior escondida por trás do conhecimento que agora temos: a Teosofia destrói todo o dogmatismo.

As sete Joias de Sabedoria

O estudo da Teosofia tornar-nos-á mais familiares com um número de ideias centrais como a reencarnação, karma e o desenvolvimento interior. Estas ideias centrais também podem ser encontradas em filosofias orientais, onde são chamadas de “Sete Joias de Sabedoria”: Sapta Ratnāni. Todas elas estão de acordo com as três proposições da Teosofia.

Joias de Sabedoria	Explicação	Algumas conclusões
1.ª Joia: O ciclo de reincorporação; cada aplicado a seres humanos é chamado de “reincarnação” (<i>Punarjanman</i>)	Todos os seres passam através das fases da vida interna e externa, de atividade e repouso.	Os outros seres humanos são egos reencarnantes com os quais trabalhamos e vivemos vida após vida. Portanto, uma criança que nasce é um velho colega que ajudamos a se estabelecer durante alguns anos, e a morte de alguém é um “até já”.
2.ª Joia: A doutrina da causa e consequência (<i>Karma</i>)	Toda a ação no Cosmos leva a uma reação, a uma consequência. Portanto, todos os eventos na nossa vida são consequências, causadas pelos anteriores pensamentos e ações.	O karma é a doutrina do livre arbítrio. Somos os criadores do nosso próprio destino. O karma é o resultado da Unidade por trás do Cosmos. O nosso destino está entrelaçado com o dos outros seres.
3.ª Joia: Hierarquias (<i>Loka's e Tala's</i>)	Todo o ser é parte de um todo maior e é ele próprio composto de seres subordinados.	Os seres mais e menos desenvolvidos são mutuamente dependentes. O desenvolvimento é relativo: somos ambos professores e estudantes. Portanto, devemos tentar ser um exemplo para os nossos semelhantes.
4.ª Joia: Tornar-se em si próprio, ou o desabrochar do Eu (<i>Swabhāva</i>)	Todo o ser tem um caráter único. Tornamo-nos naquilo que construímos na nossa consciência.	Não podemos culpar os nossos pais, a nossa educação, as nossas circunstâncias ou o nosso ADN por aquilo que somos. Somos responsáveis pelo nosso caráter.
5.ª Joia: Desenvolvimento progressivo: aprendendo ao envolver (<i>Nivritti</i>) e desenvolver a consciência (<i>Pravritti</i>)	Cada ser desenvolve as capacidades latentes na sua consciência pelo seu próprio esforço.	Não há nunca a necessidade de pensar que somos “aquilo que somos”. Somos muito mais do que aquilo que se manifesta agora. Os nossos ideais e aspirações altruístas são atingíveis.
6.ª Joia: Os dois Caminhos, o caminho de ‘Cada um para si’ e o Caminho da Compaixão (<i>Pratyeka-Yāna e Amrita-Yāna</i>)	Existem dois motivos para trilhar o caminho: 1) por nós próprios, para libertação individual; 2) para o benefício de tudo o que vive. Neste último caso o nosso crescimento é um derivado da ajuda que se dá aos outros.	“A compaixão não é um atributo. É a LEI das Leis.” (H.P. Blavatsky) Praticar a compaixão não é apenas tentar “fazer boas ações”; é a percepção contínua da fraternidade como um facto na Natureza.
7.ª Joia: Conhecimento do Eu (SELF), a essência de todos os seres (<i>Ātma-vidyā</i>)	Somos capazes de conhecer a Vida Una que flui através de cada ser, porque na essência mais profunda do nosso ser somos AQUILO.	Compreendendo a Unidade de tudo o que vive tem impacto nos nossos hábitos: em que banco devo pôr o meu dinheiro? Como lidar com aquele vizinho irritante? Como posso – ou o meu país – contribuir para a paz no mundo?

Mais informações...

Quem quer aprofundar o seu conhecimento da visão teosófica sobre a doença, epidemias e pandemias, em nosso site www.blavatskyhouse.org coletamos alguns textos de instrutores teosóficos sobre esses assuntos. Entre eles você encontrará uma peça iluminada sobre a Luz Astral de Gottfried de Purucker. Citamos: Luz Astral que flui adiante o que é experimentado na Terra como efeitos das causas astrais que produzem fenômenos terrestres, como surtos de distúrbios epidêmicos ou pandêmicos.

Muito interessante também é o artigo The Last Song of the Swang, descrevendo a relação entre o ozono e a gripe.

<https://blavatskyhouse.org/news/crise-corona-literatura-teosofica-sobre-epidemias-e-pandemias/>



H.P. Blavatsky sobre doença e cura

Nesta era há grandes triunfos da ciência, mas quase todos são dirigidos aos efeitos e não retiram as causas dos males. Grandes avanços foram feitos nas artes e na cura de doenças, mas no futuro, à medida que a flor da nossa civilização se desdobrar, novas doenças surgirão e mais estranhas desordens serão conhecidas, surgindo de causas que estão profundamente na mente dos homens e que só podem ser erradicadas pela vida espiritual.

Collected Writings Vol. IX p. 103

Diz Paracelsus: "A fé deve confirmar a imaginação, pois a fé estabelece a vontade. . . . A vontade determinada é o início de todas as operações mágicas. . . . É porque os homens não imaginam e acreditam perfeitamente no resultado, que as artes (da magia) são incertas, enquanto podem estar perfeitamente certos". Este é todo o segredo. Metade, se não dois terços, das nossas aflições e dos nossos doenças são fruto da nossa imaginação e dos nossos medos. Destrua o último e mude o primeiro, e a natureza fará o resto.

Collected Writings Vol. XII p. 403

Cólofon

Editores: Barend Voorham, Henk Bezemer, Rob Goor, Bianca Peeters, Erwin Bomas, Bouke van den Noort

Editor-chefe: Herman C. Vermeulen

Sede editorial: De Ruijterstraat 72-74,
2518 AV Haia, Países Baixos
tel. +31 (0) 70 346 15 45
e-mail: luciferred@isis-foundation.org

Mensagens do leitor:

A direção editorial reserva-se ao direito de fazer uma seleção e/ou de resumir as mensagens recebidas

Subscrições:

Esta tradução para português foi feita a partir do 21.º número gratuito da versão inglesa de Lúcifer, o Portador da Luz. Para subscrições: enviar mensagem para a sede editorial: luciferred@stichtingisis.org.

O preço das nossas edições em papel custam €4,60 e €9,20 para uma edição dupla, excluindo portes.

Para pagamento pela internet – cartão de crédito (ver página de internet).

Editora:

I.S.I.S. Foundation, Blavatskyhouse,
De Ruijterstraat 72-74,
2518 AV Haia, Países Baixos
tel. +31 (0) 70 346 15 45,
e-mail: luciferred@isis-foundation.org
internet: www.blavatskyhouse.org

© I.S.I.S. Foundation

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou tornada pública por qualquer forma ou meios: eletrônica, mecânica, por fotocópias, gravações, ou de outra forma, sem permissão anterior da Editora.



Fundação I.S.I.S.

O nome da Fundação [Stichting, em holandês] é “Stichting International Study-centre for Independent Search for truth”. A sua sede é em Haia, nos Países Baixos.

O objetivo da Fundação é formar um núcleo de Fraternidade Universal, através da disseminação do conhecimento sobre a estrutura espiritual do ser humano e do cosmos, livre de dogmas.

A Fundação visa concretizar este objetivo através de cursos, organizando palestras públicas, publicando livros, brochuras e outras publicações, e recorrendo a todos os recursos disponíveis com vista a este fim.

A Fundação I.S.I.S. é uma organização sem fins lucrativos, reconhecido como o tal pela autoridade tributária dos Países Baixos. Para fins fiscais, a Fundação I.S.I.S. tem o que se chama de estatuto ANBI. ANBI significa Organização para o Benefício Geral (Algemeen Nut Beogende Instelling).

Os requisitos mais importantes para obter o estatuto ANBI são:

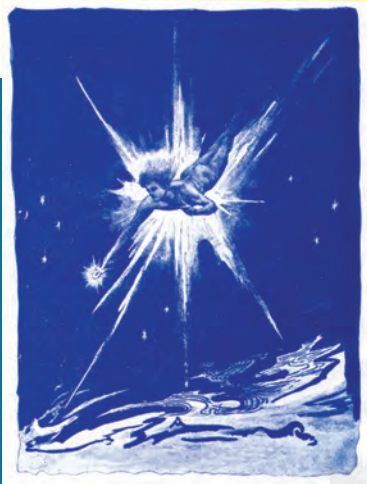
É uma organização sem fins lucrativos, portanto não tem rendimentos. Quaisquer lucros que resultem da venda de livros, devem ser totalmente utilizados para atividades gerais de beneficência. Para a Fundação I.S.I.S., isto significa espalhar a Teosofia. (Ver o estatuto, objetivos e princípios para mais informação.)

Os membros da Direção devem preencher requisitos de integridade. O ANBI deve ter uma propriedade separada, pelo que um diretor ou decisor não pode tomar decisões sobre esta propriedade como se fosse sua. A remuneração dos membros da direção apenas pode consistir de um reembolso de despesas e assistência. O número ANBI da Fundação I.S.I.S. é o 50872.

Fundação I.S.I.S.

As atividades da Fundação I.S.I.S. (International Study-centre for Independent Search for Truth) baseiam-se em:

1. A unidade essencial de tudo que existe.
2. Por causa dessa unidade: a fraternidade como um facto na natureza.
3. Respeito pelo livre-arbítrio de todos (quando aplicado a partir desta ideia de fraternidade universal).
4. O respeito pela liberdade de cada um na construção da sua própria perspectiva de vida.
5. Apoiar o desenvolvimento da própria perspectiva de vida de cada um e a sua aplicação na prática diária.



Porque esta revista é chamada de *Lúcifer*

Lúcifer, literalmente significa Portador da Luz.

Cada cultura no Oriente e no Ocidente tem os seus portadores de luz: os indivíduos inspiradores que dão o impulso inicial para o crescimento espiritual e de reforma social. Eles estimulam o pensamento independente e a viver a vida com uma profunda consciência de fraternidade.

Estes portadores de luz foram sempre contrariados e caluniados pelos poderes estabelecidos. Mas há sempre aqueles que se recusam a ser desincentivados por esses caluniadores, e começam a examinar a sabedoria dos portadores de luz de uma forma aberta e sem preconceitos.

É para estas pessoas que esta revista é escrita.

“... o título escolhido para a nossa revista está tão associado com ideias divinas como com a suposta rebelião do herói do *Paraíso Perdido* de Milton ... Nós trabalhamos para a verdadeira Religião e Ciência, para factos e contra ficção e preconceito. É nosso dever – como é o da Ciência física – lançar luz sobre os factos na Natureza até aqui cercados pela escuridão da ignorância... Mas as ciências naturais são apenas um aspeto da CIÊNCIA e da VERDADE. Ciências psicológicas e morais, ou a Teosofia, o conhecimento da verdade divina, são ainda mais importantes...”

(Helena Petrovna Blavatsky na primeira edição de *Lúcifer*, setembro 1887).